

CONVERGÊNCIA



- A Eucaristia nas comunidades de Vida Consagrada hoje
- Oséias, o profeta das relações de amor e da anti-idolatria
- Encontro entre homem e mulher como espaço de mútuo enriquecimento – Resgate de encontros numa perspectiva bíblica de gênero
- Novo “Pentecostes” para a Vida Religiosa



CRB

Sumário

HOMENAGEM AO PAPA	193
JOÃO PAULO II por J. B. Libanio, SJ	194
PALAVRA DO PAPA	198
INFORME CRB	203
ARTIGOS	206
A Eucaristia nas comunidades de Vida Consagrada hoje	206
PENHA CARPANEDO, PDDM	
Oséias, o profeta das relações de amor e da anti-idolatria	219
FREI GILVANDER MOREIRA	
Encontro entre homem e mulher como espaço de mútuo enriquecimento Resgate de encontros numa perspectiva bíblica de gênero	240
LÚCIA WEILER, DP	
Novo "Pentecostes" para a Vida Religiosa	254
BARBARA P. BUCKER, MC	

A ilustração da capa da Convergência de 2005, do artista Anderson S. Pereira, MSC – Rio de Janeiro/RJ, apresenta elementos simbólicos estilizados: a tenda, símbolo de desinstalação, de busca do essencial; a mão, sinal da presença aconchegante de Deus; a lâmpada, evocação da luz do Espírito; o caminho, sinal de itinerância do povo de Deus. Tudo converge para o horizonte do futuro, para o Sol da Vida, sob o signo da Cruz do Ressuscitado. O projeto gráfico da capa foi elaborado pelo designer Luiz Henrique Sales – Rio de Janeiro/RJ.



CONVERGÊNCIA

Revista mensal da Conferência dos Religiosos do Brasil - CRB

ISSN 0010-8162

DIRETORA RESPONSÁVEL:

Ir. Maris Bolzan, SDS

REDATOR RESPONSÁVEL:

Pc. Marcos de Lima, SDB
(Reg. 12679/78)

EQUIPE DE PROGRAMAÇÃO:

Coordenadora:

Ir. Maria Carmelita de Freitas, FI

Conselho Editorial:

Ir. Aíla Luzia Pinheiro de Andrade, NJ
Pc. Francisco Taborda, SJ
Pc. Jaldemir Vitório, SJ
Pc. Cleto Caliman, SDB

DIREÇÃO, REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:

Rua Alcindo Guanabara, 24/4º andar
CEP 20038-900 - Rio de Janeiro - RJ

Tel. (21) 2240-7299

Fax (21) 2240-4486

E-mail: crb@crbnacional.org.br

PROJETO GRÁFICO E PRODUÇÃO:

LetraCapital Editora

Av. Rio Branco 257 - Salas 401/402
CEP 20040-009 - Rio de Janeiro - RJ

Tel. (21) 2215-3781

Fax (21) 2224-7071

E-mail: letracapital@letracapital.com.br

Registro na Divisão de Censura e Diversões Públicas do PDF sob o nº P. 209/73

Os artigos assinados são da responsabilidade pessoal de seus autores e não refletem necessariamente o pensamento da CRB como tal.

Assinatura

Anual

para 2005

Brasil: R\$ 80,00

Exterior: US\$ 80,00 ou o correspondente em R\$ (Reais)

Números avulsos: R\$ 8,00 ou US\$ 8,00



HOMENAGEM

A morte de João Paulo II
comoveu o mundo.

CONVERGÊNCIA
presta sua homenagem
ao "Papa peregrino",
que por mais de 26 anos
governou a Igreja católica
com incansável ardor
missionário.

“*Pela vossa vida de oração, sois sinal do absoluto
de Deus e da importância da contemplação;
pela vossa disponibilidade sempre pronta, sois
uma ponta de lança para as urgências missio-
nárias; pela vossa vida em fraternidade, sois
afirmação de comunhão e de participação.*”

(João Paulo II à Vida Religiosa na sua primeira
visita ao Brasil – Julho 1980)

João Paulo II

J. B. LIBANIO

O pontificado de João Paulo II desborda de nossa capacidade de análise. Ele conjuga um personagem extremamente carismático e paradoxal com um longo tempo de atividade. Os médiocres repetem ao longo dos anos pequeno ciclo de ações. Por esta razão facilmente cabem nos milímetros das análises. João Paulo II, pelo contrário, foi uma figura gigantesca de extrema criatividade, nascida de intuições e convicções. E por isso dividiu as águas ou mais exatamente arrastou atrás de si correntezas de multidões. Com o mesmo afã e frenesi com que elas o seguiam, os críticos assestavam as baterias. Precisaremos de muito tempo para chegar a juízo equilibrado que evite os discursos encomiásticos e as críticas cáusticas.

A curto tempo de sua morte, me prenderei unicamente a aspectos que falam mais diretamente aos religiosos, deixando de lado as questões políticas, midiáticas, eclesiásticas.

A VC passa por um momento crucial. As instituições vetustas sofrem nítido desgaste que se manifesta na queda das vocações, na incapacidade de relançar-se com força e vigor. Há pequenos germes de esperança, mas que ainda não contagiaram

sobretudo a juventude. E tal crise é mais pronunciada no ramo feminino.

Por sua vez, brotos novos de VC rebentam em primavera de futuro. Multiplicam-se comunidades de vida sob diversas formas, ora extremamente carismáticas e espontâneas, ora rigidamente institucionalizadas. E que isso tem a ver com o Papa? Como pensar essa relação?

João Paulo II provoca igualmente e paradoxalmente na Igreja movimentos livres, espontâneos, místicos, de um lado, e, de outro, organizados como "*acies ordinata*", como exército em formação para a batalha. Entendo que essa ambivalência da VC, no que tem de positivo e também de suspeito, encontra respaldo, se não na aprovação verbal ou jurídica pontificia, ao menos numa leitura de sua pessoa carismática.

Os fundadores se sentem animados e corajosos, ao confrontar-se com o vigor criativo do Papa. Vale a pena entregar a vida a uma causa. Numa pós-modernidade descompromissada, segmentos jovens reagem numa linha oposta de fidelidade, de dedicação, de engajamento à causa da evangelização, do anúncio da salvação aos irmãos e irmãs, metidos num mundo caótico.

Quanto mais a sociedade apresenta uma confusão de valores, uma degradação de sentido, tanto mais o exemplo de firmeza e de convicção inabalável do Papa desperta vocações para essas novas expressões de VC.

A VC clássica teve e tem maior dificuldade de assimilar esse viés religioso. Ela carrega uma longa experiência de crise no sentido etimológico de “crisol”, de “lugar de provação”, de teste. E por isso adquiriu uma maior serenidade como corte positivo, mas negativamente perdeu o encantamento fácil da juventude em busca de figuras fortes que a norteiem.

O coração da modernidade bate ao ritmo da razão e não da emoção. Dotou-se de tal nível de criticidade e de cientificidade que secou fontes místicas e religiosas. A sua expressão mais formal manifesta-se no positivismo científico, no triângulo epistemológico da hipótese, verificação e formulação da tese. Tudo passa pelo crivo do experimental constatável e verificável, da observação por instrumentos sempre cada vez mais sofisticados. O olho analítico prolonga-se até os objetos distantes ou imerge nas mínimas partículas, vasculhando a objetividade do real.

É nesse mundo que João Paulo II aparece com o apelo da fé por além de toda razão. Grita por todos os cantões da Terra: abri vossos coração a Cristo. Não despreza a razão. Antes teme que sua

diminuição produza efeitos nefastos tanto na filosofia como na teologia. Na filosofia, conduzindo as pessoas à negação de todo Absoluto e portanto dos valores perenes, a um pragmatismo feito de projetos interessados e imediatos, à visão estreita da ciência, a uma leitura da história sem percepção de sua dimensão para além dela. E a teologia sem a razão perde-se num espiritualismo vazio, em mitos e superstições.

O Papa casou, no gestual e no vigor da palavra, sob forte tensão, uma racionalidade, um conjunto antes tradicional que moderno de valores e comportamentos com um provocante impulso para o risco, para a novidade, para os desafios e perigos sem medo. Uniu mais na sua presença decidida, do que nos infinitos discursos, esse duplo pólo fundamental para a VC: o entusiasmo, o carisma borbulhante, e a firmeza e exigências duras do Cristianismo. Parafraseou com vigor a ordem de Jesus para os apóstolos de avançarem para alto mar. O versículo “duc in altum” (Lc 5, 4) – “avançai para águas mais profundas” – foi retomado em muitos encontros para caracterizar esse incentivo à ousadia. Como o medo é o grande opositor da coragem e da criatividade, desde o início do Pontificado repetiu infinitas vezes, especialmente aos jovens: “Não tenhais medo” com a certeza do “sou eu” de Jesus (Mt 14, 27).

Infelizmente esse grito do Papa para afugentar os temores não surtiu no in-

terior da Igreja os efeitos desejados. Pelo contrário, muito medo se apossou dentro e fora da VC, cortando-lhe pela raiz a seiva da liberdade, criatividade, ousadia, profetismo. É difícil para uma grande instituição se deixar mover pelos impulsos carismáticos, mesmo de líderes como João Paulo II. A inércia institucional reage, pelo peso paquidérmico de seus séculos, retendo os movimentos para "águas mais profundas" e termina atemorizando os navegantes com as possíveis tempestades.

Olhando para a montanha simbólica e doutrinal que João Paulo II construiu no longo pontificado, resta-nos agora um trabalho de minerador. Esse não teme deixar de lado os cascalhos inúteis ou simplesmente utilizáveis para construções pesadas, e perseguir os filões de ouro. Há extrema riqueza na herança do pontificado. E a Igreja tem agora calma e tempo para ir descobrindo-a. A história arrisca de lançar num mesmo fogo comum o trigo e joio. Seria enorme perda. O trigo está aí para ser colhido.

A história é mestra da vida. Vale a pena recordar os anos seguintes ao Pontificado de Pio XII que conserva certa analogia com o atual. Fora relativamente longo com uma atividade, se não simbólica como a de João Paulo II, pelo menos doutrinal, produzindo encíclicas e discursos numerosos e sobre os mais diversos assuntos. Eis que poucos anos depois essa mina ficou esquecida e ape-

nas serve de furtivas lembranças nas aulas de teologia. Nem mesmo nos documentos eclesiais perpetuou-se. Basta recordar o documento de Puebla que nem o citou e apenas mencionou João XXIII para referir-se mais de 100 vezes a João Paulo II que apenas tinha alguns meses de pontificado. O risco de rápido mergulho no olvido existe e a história está a advertir-nos. Por isso, a abundância de escritos do pontificado que terminou não se isenta de tal aventura. Toca-nos garimpar as pepitas de ouro para a riqueza da vida da Igreja.

João Paulo II enfrentou com destemor a modernidade secularizante. Esta tinha atingido de cheio a VC num duplo efeito de purificação de entulhos inúteis, mas também de esfriamento de ardores espirituais. Esse choque produziu efeitos paradoxais. Resgatou com intenso vigor a dignidade e beleza da dimensão de mistério ínsita no ser humano. Nisso ele mostrou-se até mesmo pós-moderno, trazendo para o prosaetrio da vida humana a percepção religiosa da existência. Comoveu o fundo do coração de milhões e milhões de pessoas com esse toque de transcendência. As demonstrações que cercaram sua morte e funeral revelam esse fascínio místico, espiritual que dele se irradiava. Aí está um elemento importante para VC. Apostar nessa camada de mistério e transcendência presente nos homens e mulheres de hoje em que pese uma sociedade hedonista e

materialista. Mas o risco, de que tal movimento espiritual e carismático não se isenta, consiste em desenterrar as formas religiosas tradicionais, míticas e até mesmo supersticiosas em vez de direcionar essa força mística para a experiência do Deus Trino comunhão e para o serviço dos irmãos. É nessa correnteza que a VC pode inserir-se e reencontrar suas fontes primeiras.

Amém. Assim seja. Assim é. João Pau-

lo fechou o ciclo de sua história pessoal e abriu o tempo da recepção. Os áulicos o deixarão morto, porque ele era interessante enquanto poder vivo. Os que o amam na verdade e crêem na presença do Espírito em seu ministério têm a tarefa bonita de guardar-lhe a memória afetiva e tornar vida o que ele deixou como semente e ir para além de seus ensinamentos e gestos na construção do Reino.

Os artigos deste mês de maio querem colaborar para que religiosos e religiosas sejam de fato sinal do Absoluto de Deus, ponta de lança na evangelização e testemunho de comunhão e participação na Sociedade e na Igreja.

"Palavra do Papa"

Testamento de João Paulo II

Sexta-feira, 8 de abril de 2005

Foi publicado, no dia 7 de abril, quinta-feira, pelo Vaticano, o testamento escrito pelo Papa em polonês. O testamento tem data de 6 de março de 1979 com acréscimos sucessivos. Segue na íntegra.

"Totus Tuus ego sum"

Em nome da Santíssima Trindade.
Amém.

'Velai, porque não sabeis qual dia vosso Senhor virá' (cf. Mt 24, 42) – essas palavras me lembram o último apelo que será feito quando o Senhor quiser. Desejo segui-Lo e desejo que tudo o que faz parte de minha vida sobre a terra me prepare para este momento. Não sei quando isto acontecerá, mas coloco este momento, como todo o resto, nas mãos da Mãe de meu Mestre: Totus Tuus. Deixo entre as mesmas mãos maternais tudo e todos aos quais minha vida e minha vocação estão ligados. Deixo principalmente a Igreja nessas mãos, assim como minha Nação e a humanidade inteira. Agradeço a todo o mundo. Peço perdão a todos. Peço também a prece para que a Misericórdia de Deus se mostre maior que minha fraqueza e minha indignidade.

Durante esses exercícios espirituais, reli o testamento do Santo Padre Paulo VI. Esta leitura levou-me a escrever o presente testamento.

Não deixo nenhuma propriedade da qual deveria dispor. Quanto aos objetos que me serviam diariamente, peço que sejam distribuídos da maneira que parecer mais oportuna. As notas pessoais deverão ser queimadas. Peço que dom Stanislaw (NDR, dom Stanislaw Dziwisz, secretário particular de Karol Wojtyła) zele por isso e eu o agradeço por sua colaboração e sua ajuda prolongada e compreensiva. Todos os outros agradecimentos estão no coração, diante de Deus Ele Mesmo, porque é difícil exprimí-los.

No que diz respeito aos funerais, repito as disposições dadas pelo Santo Padre Paulo VI. (NDR, os serviços do Vaticano precisavam que, nesta parte do texto, João Paulo II fez, em 13 de março 1992 uma observação

à margem, precisando: "a sepultura na terra, não num sarcófago")

'apud Dominum misericordia et copiosa apud Eum redemptio'

Roma, 6 de março de 1979

João Paulo II"

"Após a morte, peço Santas Missas e preces. 5 de março de 1990"

Folha sem data (NDR, observação do Vaticano)

"Exprimo a mais profunda confiança que, apesar de toda minha fraqueza, o Senhor me concederá toda a graça necessária para enfrentar segundo Sua Vontade toda a tarefa, prova e sofrimento que Ele quiser pedir a Seu servidor durante a vida. Tenho também confiança que não permitirá jamais trair minhas obrigações nesta Santa Sé de Pedro por minhas atitudes: palavras, atos ou omissões".

24 de fevereiro-1º março de 1980

Durante esses exercícios espirituais, também refleti sobre a verdade do Sacerdócio de Cristo na perspectiva desta passagem que, para cada um de nós, é o momento de sua própria morte. Da partida deste mundo – para nascer para o outro, o mundo futuro, do qual a ressurreição de Cristo é um sinal eloquente. (NDR, o Vaticano precisa que abaixo dessa última palavra, João Paulo II em seguida acrescentou: "decisivo") Li a transcrição de meu testamento do ano passado, feito ele também durante os exercícios espirituais, eu o comparei ao testamento de meu grande Predecessor e pai, Paulo VI, com este sublime testemunho sobre a morte de um cristão e de um papa – e renovei em

minha a consciência das questões às quais se referem a transcrição de 6 de março de 1979 que preparei (de forma provisória).

Hoje, desejo acrescentar apenas isso, que cada um deve manter presente a perspectiva da morte. E estar preparado para se apresentar diante do Senhor e Juiz – e ao mesmo tempo Redentor e Pai. Então, levo isso continuamente em consideração, confiando neste momento decisivo à Mãe de Cristo e da Igreja, à Mãe de minha esperança.

Os tempos nos quais vivemos são indubitavelmente difíceis e turbulentos. O caminho da Igreja torna-se, também ele, difícil e tenso, característica desses tempos, tanto para os fiéis como para os pastores. Em alguns países (como por exemplo aquele sobre o qual li durante os exercícios espirituais) a Igreja atravessa um período de perseguição em nada inferior à dos primeiros séculos, ela os supera mesmo em grau de desumanidade e de ódio. 'Sanguis martyrum semen christianorum'. E no mais, tantas pessoas desapareceram enquanto inocentes. mesmo neste país no qual vivemos.

Desejo ainda uma vez mais colocar-me totalmente sob as graças do Senhor. Ele Próprio decidirá quando e como devo acabar minha vida terrestre e meu ministério pastoral. Na vida e na morte 'Totus Tuus' através da Imaculada. Aceitando desde já esta morte, espero que o Cristo me dará a graça para a última passagem, isto é, à (minha) Páscoa. Espero também que tornará útil a esta outra causa mais importante, à qual procuro servir: a salvação dos homens, a salvaguarda da família humana e, nela, todas as nações e povos (entre os quais eu me dirijo em particular à minha Pátria na terra), útil para as pessoas que me confiou de ma-

neira particular, para as questões da Igreja e para a glória de Deus mesmo.

Não desejo acrescentar o que quer que seja ao que já escrevi há um ano – exprimir apenas esta disponibilidade e, então, paralelamente, esta confiança, à qual os exercícios espirituais presentes me levaram novamente.

João Paulo II

Totus Tuus ego sum 5 março de 1982

Durante os exercícios espirituais deste ano, li (várias vezes) o texto do testamento de 6 de março de 1979. Apesar de agora eu ainda considerá-lo provisório, vou deixá-lo assim. Não vou mudar nada (por enquanto) e não vou acrescentar nada também no que se refere às disposições que ele contém.

O atentado contra minha vida em 13 de maio de 1981 confirmou, de certo modo, a exatidão das palavras escritas no período dos exercícios espirituais de 1980 (de 24 de fevereiro a 1º de março).

Sinto muito profundamente que estou totalmente nas mãos de Deus – e continuo constantemente à disposição do meu Senhor e me confio a Ele através de sua Mãe Imaculada (*Totus Tuus*)

João Paulo II

“5 de março de 1982

Sobre a última frase de meu testamento de 6 de março de 1979 (“No local, quer dizer dos funerais, decidido pelo Colégio Cardinalício e os compatriotas”) esclareço o que tenho no espírito: a Cracóvia ou o Conselho Geral do Episcopado da Polônia. Eu peço então ao Colégio dos cardeais que satisfaça na medida do possível os eventuais pedidos mencionados acima.

1º de março de 1985 (durante exercícios espirituais)

Ainda – no que se refere à expressão “Colégio dos cardeais e os compatriotas”: o colégio cardinalício não tem nenhuma obrigação de interrogar sobre esta questão “os compatriotas”; Ele poderá no entanto fazê-lo se, por qualquer razão que seja, possa justificar.

“Os exercícios espirituais do ano do Jubileu 2000 (12 a 18 de março)

1. Quando no dia 16 de outubro de 1978, o conclave dos cardeais me escolheu como Papa, João Paulo II, o Primaz da Polônia, o cardeal polonês Stefan Wyszyński me disse: ‘o dever do novo papa é introduzir a Igreja no Terceiro Milênio’. Eu não sei se estou repetindo a frase com fidelidade mas foi pelo menos esse o sentido que entendi naquela hora. Foi o homem que entrou para a história como o Prelado do Milênio que pronunciou estas palavras. Um grande prelado. Fui testemunha de sua missão, de sua confiança total. De suas lutas, de sua vitória. ‘A vitória, quando ela acontecer, será uma vitória devida à Maria’ – o prelado do Milênio tinha o costume de repetir estas palavras de seu antecessor, o cardeal August Hlond.

Desta forma eu fui de, alguma maneira, preparado para a tarefa que me foi apresentada em 16 de outubro de 1978. No momento em que escrevi estas palavras, o Ano do Jubileu 2000 já é uma realidade em curso. A porta simbólica do Grande Jubileu da Basílica de São Pedro foi aberta na noite de 24 de dezembro de 1999, depois a de São João de Latrão, depois a de Santa Maria Maior, para o Ano Novo; e em 19 de janeiro a porta da Basílica de São Paulo Extra-Muros. Este último evento, por seu caráter ecumênico, marcou a memória de maneira particular.

2. "A medida que o Ano do Jubileu 2000 avança, dia a dia o século XX fica para trás e o século XXI se abre. Como quis a Providência, vivi neste século difícil que desaparece no passado, e agora, quando me aproximo dos 80 anos ("octogesima adveniens"), tenho de me perguntar se não chegou a hora de repetir com o Simeão bíblico: 'Nunc dimittis'.

"No dia 13 de maio de 1981 (o atentado contra o Papa cometido durante a audiência geral na praça São Pedro), a Divina Providência me salvou milagrosamente da morte. O que é o único Senhor da vida e da morte prolongou minha vida e, de alguma forma, me fez nascer de novo. A partir deste momento, minha vida Lhe pertence ainda mais. Espero que Ele me ajudará a perceber até quando devo continuar a missão que Ele me atribuiu no dia 16 de outubro de 1978. Peço a Ele que me chame de volta quando achar melhor. Na vida e na morte, pertencemos ao Senhor...somos parte do Senhor (cf. Rm 14, 8). Também espero que, enquanto tiver que cumprir o serviço de Pedro na Igreja, a Misericórdia de Deus me dará as forças necessárias.

3. Como a cada ano durante os exercícios espirituais, li meu testamento do dia 6 de março de 1979. Mantenho as disposições que nele estão contidas. O que foi acrescentado, na época e também durante os exercícios espirituais sucessivos, retrata a difícil e tensa situação geral que marcou os anos 80. A partir de 1989, esta situação mudou. A última década do século passado foi isenta das tensões anteriores, o que não significa que ela não trouxe novos problemas e dificuldades. Quero louvar particularmente a Divina Providência por este motivo, que o período chamado

'guerra fria' tenha sido encerrado sem o violento conflito nuclear que pesava sobre o mundo durante o precedente período.

4. Estando perto do início do terceiro milênio 'in medio Ecclesiae', desejo mais uma vez expressar minha gratidão ao Espírito Santo pelo grande dom do Concílio Vaticano II. Estou convencido de que as novas gerações poderão por muito tempo ainda aproveitar as riquezas que este Concílio do século XX nos deu. Como bispo, tendo participado do Concílio do primeiro ao último dia, desejo confiar este grande patrimônio a todos os que devem, e os que deverão, concretizá-lo no futuro. Quanto a mim, agradeço ao eterno Pastor por ter me permitido servir esta grandíssima causa durante todos os anos de meu pontificado.

'In medio Ecclesiae'... logo nos primeiros anos de serviços episcopais – e justamente graças ao Concílio – pude experimentar a comunhão fraterna do episcopado. Como bispo da arquidiocese de Cracóvia, havia experimentado a comunhão fraterna do presbitério – o Concílio deu uma nova dimensão a esta experiência.

5. Quantas pessoas deveria mencionar aqui! O Senhor provavelmente já chamou de volta para Ele a maioria dentre elas. Para as que ainda se encontram entre nós, as palavras deste testamento são dirigidas a elas, para todas e em todos os lugares, onde quer que estejamos.

Há mais de vinte anos que exerço o serviço de Pedro 'in medio Ecclesiae', e pude contar com a colaboração bondosa e fecunda de tantos cardeais, arcebispos e bispos, tantos padres, tantas pessoas consagradas, Irmãos e Irmãs, e também tantas pessoas leigas, no ambiente da Cúria, no Vicariato da diocese de Roma e em outros lugares.

Como não abraçar com uma memória cheia de gratidão todos os Episcopados do mundo que encontrei durante as visitas 'ad limina Apostolorum'? Como não recordar tantos Irmãos cristãos – não católicos! E o rabino de Roma e tantos representantes das religiões não-cristãs! E quantos representantes do mundo da cultura, da ciência, da política, dos meios de comunicação social!

6. À medida que o limite de minha vida na terra se aproxima, meu espírito volta ao início, a meus pais, ao irmão e à irmã (que eu não conheci porque ela morreu antes de nascer), à paróquia de Wadowice, onde fui batizado, a esta cidade de meu amor, a meus contemporâneos, colegas do

primário, do colégio, da universidade até o tempo da ocupação quando eu trabalhava como operário e, depois, à paróquia de Niegowice, a de Saint-Florian na Cracóvia, à pastoral universitária, ao lugar... a vários lugares... na Cracóvia e em Roma... às pessoas que de modo especial me foram confiadas pelo Senhor.

A todos eu digo uma única coisa: 'Deus vos recompense'

'In manus Tuas, Domine, commendo spiritum meum'

A.D.

Joannes Paulus n. II

“O que é o único Senhor da vida e da morte prolongou minha vida e, de alguma forma, me fez nascer de novo.”

Informe CRB

Projeto “Novas Gerações e Vida Religiosa”

1. Breve memória do Projeto

O Projeto Novas Gerações e Vida Religiosa tem suas bases na Assembléia Geral Ordinária da CRB Nacional de 2001, onde Superiores e Superiores Maiores dos diversos Institutos de Vida Consagrada, numa atitude de escuta aos sinais dos tempos e diante dos desafios das mudanças sócio-culturais em foco, assumem como quinto marco dinamizador da caminhada da CRB para 2001-2004 “*Abertura às interpelações das Novas Gerações em sua diversidade cultural*”. Respondendo a esse apelo, a CRB Nacional viabilizou todo um processo de reflexão que culminou com a realização do Seminário ‘Novas Gerações e VR’, articulado pela Equipe de Reflexão Teológica. Na conclusão deste seminário, as/os participantes encaminharam algumas propostas operacionais para serem dinamizadas em nível Nacional, entre as quais a publicação de um livro com o resultado e as análises da pesquisa que preparou o seminário e a criação de grupos de reflexão “Novas Gerações e Vida Religiosa”, nas Regionais. Os grupos seriam constituídos para o estudo de três temáticas que mereceriam maior aprofundamento

pela importância que adquirem para as novas gerações: *Memória e futuro da Vida Religiosa; Sexualidade/afetividade e consagração; Poder e participação na Vida Consagrada*. Todo este trabalho seria desencadeado através de um processo interativo entre diferentes gerações.

A partir disso foi sendo gestado, com a participação e contribuição das diversas instâncias e grupos da CRB, o Projeto “**Novas Gerações e Vida Religiosa**”. A XX Assembléia Geral da CRB Nacional, realizada em julho de 2004, confirmou a importância deste trabalho junto à Vida Religiosa, votando como terceira prioridade do quadro programático para 2004-2007: “*Assumir as interpelações das novas gerações em seus dinamismos, exigências e potencialidades*”.

Esta prioridade vem sendo dinamizada pela CRB Nacional através do Projeto “Novas Gerações e Vida Religiosa” que tem como objetivo: oferecer caminhos para que a Vida Religiosa acolha as interpelações das Novas Gerações em seus dinamismos, exigências e potencialidades, num processo interativo entre as gerações, em vista da refundação da própria Vida Religiosa.

2. Grupos de reflexão "Novas Gerações e Vida Religiosa" nas Regionais

A constituição de Grupos de reflexão "Novas Gerações e Vida Religiosa" nas Regionais é um dos campos de ação deste projeto. Os mesmos deverão ser constituídos por até 12 pessoas, com forte participação jovem, sendo pelo menos a metade até 30 anos de idade. Essa proposta visa à participação de outros religiosos e religiosas favorecendo a interatividade entre gerações.

No processo de interatividade, a geração mais jovem contribui com as novas interações e intuições que ajudam a recriar a Vida Religiosa e atualizar os Institutos de Vida Consagrada e, as outras gerações, com o resgate do dinamismo fundacional¹, e com a memória da experiência acumulada de adesão apaixonada a Jesus Cristo. Neste sentido, o diálogo sincero entre as diversas gerações permitirá a construção do novo rosto da vida consagrada.

3. Operacionalização do Projeto Novas Gerações nas Regionais

As diversas Secções Regionais da CRB abraçaram o Projeto "Novas Gerações e Vida Religiosa" com grande entusiasmo, dentro de suas possibilidades e realidades específicas. Em nível de Brasil já existem mais de 45 grupos organizados. Cada grupo escolheu uma das temáticas de reflexão sugeridas pelo projeto. Além da constituição dos grupos, as Regionais têm buscado refletir e aprofundar o tema das

novas gerações através de seminários para formadoras/es e provinciais, encontros de animação e formação para grupos de reflexão e juniorato.

4. Socialização dos resultados dos Grupos nas Secções Regionais

Cada Regional realizará um momento forte, onde os grupos, após terem concluído sua caminhada, possam partilhar as reflexões com a Vida Religiosa de sua Regional. Neste sentido, já tomamos conhecimento de iniciativas interessantes em algumas Regionais como: grupos que irão socializar suas conclusões prestando assessoria ao Juninter, apresentação das reflexões dos grupos em painéis temáticos durante a Assembleia Regional e a realização de Seminários Regionais com painéis, envolvendo um bom número de participantes. Isso tudo evidencia uma Vida Religiosa dinâmica que busca respostas diante dos novos desafios do atual momento cultural, alargando a sua Tenda do *Testemunho, Profecia e Esperança*.

5. Momentos fortes do Projeto "Novas Gerações e VR"

Estão sendo previstos três momentos significativos no processo de concretização do Projeto "Novas Gerações":

- **Sistematização e publicação dos resultados dos Grupos:** Após toda a caminhada feita, cada grupo fará uma redação final de suas reflexões, elaborando um texto sobre a temática

¹ Segundo Pe. Carlos Palácio a volta constante à experiência fundante tem de ser o critério para julgar o velho e o novo, o que nos vem da tradição e o que tem de ser criado para que a opção de vida seja sinal, e se torne significativa para os outros.

escolhida, destacando as novas intuições e proposições que ajudarão a configurar o “novo rosto da Vida Religiosa” e enviará à CRB Nacional até o mês de outubro de 2005. A Equipe de Reflexão Teológica fará a síntese das contribuições por temas, em vista da divulgação e possíveis leituras numa visão interdisciplinar.

- **Seminário “Novas Gerações e Vida Religiosa” por Região.** Esta proposta está sendo assumida por algumas regiões, como espaço de partilha e socialização das reflexões das regionais mais próximas, visando preparar o Congresso Nacional.
- **Congresso Nacional “Novas Gerações e VR”:** Está prevista a realização de um Congresso Nacional, no primeiro semestre de 2006. Será um evento que coroa a caminhada feita pelos “Grupos Novas Gerações”. Visa pôr em comum a voz das Novas Gerações, os diferentes pontos de vista, as

propostas e contribuições em vista do presente e do futuro da Vida Religiosa. Será naturalmente um momento forte para quem traz no coração a mística e a profecia, com a preocupação de levar ao mundo de hoje as boas notícias do Evangelho.

O Projeto “Novas Gerações e Vida Religiosa” é fruto de uma construção coletiva, que nasceu de um apelo comum gestado na intercongregacionalidade e dará seus frutos, se abraçado corresponsavelmente pelos diversos Institutos de Vida Consagrada e Secções Regionais que sonham com uma Vida Religiosa solidária, criativa, mística e profética e, acima de tudo, uma Vida Religiosa apaixonada pela pessoa de Jesus Cristo e pelo seu projeto.

Observação: Para ter acesso ao Projeto Novas Gerações consulte o *site* www.crbnacional.org.br, *link* “Novas Gerações”.

Ir. Neiva Furlin, CF
Coordenação Executiva Nacional

“No processo de interatividade,
a geração mais jovem contribui com as novas
interpelações e intuições que ajudam
a recriar a Vida Religiosa e atualizar os
Institutos de Vida Consagrada...”

A Eucaristia nas comunidades de Vida Consagrada hoje

PENHA CARPANEDO, PDDM

Seria interessante, no início deste artigo, colocarmos em comum a imagem que cada um, cada uma trazemos a respeito da eucaristia. Ou com que imagem, com que gesto, com que símbolo expressaríamos a nossa visão de eucaristia. Certamente haveria diferentes expressões de acordo com a catequese que cada pessoa recebeu e de acordo também com a experiência pessoal em relação ao mistério que nela é celebrado. Fico observando, por exemplo, os cartazes e folders que divulgam eventos deste ano eucarístico. Quase sempre trazem a imagem de um ostensório com a hóstia para expressar o sentido da eucaristia. Terá sido esta a representação da Ceia do Senhor, nos primeiros séculos da Igreja? Assim também, o jeito de uma comunidade celebrar a eucaristia revela a concepção que esta comunidade tem sobre o seu sentido.

Neste ano eucarístico, muito se falará e se escreverá sobre a eucaristia na atual conjuntura da Igreja, de como ela está sendo compreendida e celebrada nas co-

munidades de nossas paróquias e dioceses... Neste artigo, o foco de atenção são as comunidades de vida consagrada, especialmente a prática cotidiana da eucaristia, na sua expressão ritual e na sua teologia, em relação dinâmica com nossa vida e missão.

1. Um olhar sobre a história

Até o movimento litúrgico, que culminou no Concílio Vaticano II, o que se respirava na Igreja era uma compreensão de eucaristia que vinha da prática de adorar o Santíssimo Sacramento, dentro e fora da missa, prática que se desenvolveu no segundo milênio. O padre fazendo tudo sozinho, em voz baixa, de costas, em latim, e outros motivos ainda, levaram o povo a assistir a missa, a se distanciar da comunidade, a substituir o gesto de comer e beber pela adoração da hóstia. Ver a hóstia se tornou o momento mais importante da missa. No século IX e mais ainda no século XI esta tendência foi reforçada pelo movimento que colocava forte acento na pre-

sença real. No século XII ninguém mais comungava na missa. O concílio de Latrão, 1215, manda comungar uma vez por ano.¹

Houve um deslocamento de eixo em relação ao primeiro milênio no qual a eucaristia guardava a estrutura fundamental de ceia e era compreendida como celebração memorial da páscoa de Cristo, em clima de ação de graças, da qual participava ativamente toda a assembléia, tendo como ponto alto desta participação a comunhão no corpo e no sangue de Cristo.²

Outro motivo que conduziu a este deslocamento de eixo, foi o divórcio entre teologia e liturgia. No primeiro milênio a fonte da teologia e da catequese eram as Sagradas Escrituras e a liturgia, a começar pelos sacramentos da iniciação cristã. O método empregado para o estudo partia do rito para chegar à teologia e à espiritualidade, seguindo o exemplo dos Pais da Igreja que não refletiam teoricamente sobre a eucaristia e os demais sacramentos, mas partiam do que os fiéis haviam vivenciado na celebração, para daí, explicitar o sentido do sacramento.

Um caminho inverso ao trilhado no segundo milênio pelos teólogos da Escolástica e seus herdeiros. Cesare Giraudo em seu tratado sobre a eucaristia fala de um duplo mal-estar: celebrativo e especulativo. Sobre o mal-estar celebrativo lembra que as orações eram pronunciadas pelo simples fato de estarem no missal, mas destituídas de significado. E, as razões, segundo ele, encon-

tram-se no mal-estar especulativo que consistiu exatamente no abandono metodológico e sistemático da referência primária à fé enquanto celebração³, na qual o altar ocupava o centro da atenção. Para o teólogo do II milênio o estudo passa da igreja para a sala de aula. É feito a partir de conceitos filosóficos e já não mais tendo a celebração como ponto de partida. De um lado, a teologia sem a referência da experiência simbólico-sacramental da fé se transformou em racionalismo. Do outro, a celebração litúrgica sem teologia se reduziu a um conjunto de 'cerimônias' executadas com exatidão, sem teologia e sem espiritualidade (desligada da vida). Surgem então as devoções, também eucarísticas, e as escolas de espiritualidade, desvinculadas da liturgia. Muitos institutos que tiveram sua origem a partir do século XI certamente ressentem desta influência medieval quando se refere à oração e a espiritualidade.

No final do século XIX e início do século XX, surgem tentativas significativas de re-unir liturgia e devoção (mística), liturgia e teologia. Os promotores do movimento litúrgico chegaram a uma compreensão teológica da liturgia, superando uma visão rubricista. Pio XII, na *Mediator Dei* (1947), afirma ser a liturgia de natureza teológica, não mera exterioridade, e a define como culto público de Cristo e da Igreja ao Pai (exercício do sacerdócio de Jesus Cristo).

¹ Cf. SILVA, José Arioaldo. Eu te adoro, hóstia divina. *Revista de Liturgia*, São Paulo, v. 27, n. 166, p. 5, jul./ago. 2001.

² Idem.

³ Cf. GIRAUDO, Cesare. *Num só corpo: tratado mistagógico sobre a eucaristia*. São Paulo: Loyola, 2003. p. 1-2.

2. A Liturgia no

Concílio Vaticano II

Em 1963, com a Constituição *Sacrosanctum Concilium* (SC), sobre a liturgia, primeiro documento aprovado pelo Concílio Vaticano II, um vento novo soprou na Igreja. Vale lembrar que este documento, no que diz respeito à definição de liturgia, retoma a *Mediator Dei*, afirmando ser a liturgia o exercício da função sacerdotal de Cristo e da Igreja (cf. SC 7), mas introduz o novo conceito de liturgia como memorial do mistério pascal, ponto culminante de toda a vida e missão de Jesus e de toda a história da salvação. Situa a liturgia em relação dinâmica com a história (cf. SC n. 5-8).

Quando em seu n.10 a SC diz que *a liturgia é cume para o qual tende a ação da Igreja, e, ao mesmo tempo, é a fonte donde emana toda a sua força* (SC 10) refere-se à vida da Igreja, da humanidade, do universo, em íntima ligação com o memorial do mistério pascal. Medellín, traduz em termos bem concretos o que significa esta condição de cume e fonte quando lembra que deve haver uma relação vital entre a fé, a liturgia e a vida cotidiana, entendendo a liturgia como ponto de chegada e ponto de partida, de todas as dimensões da vida, pessoal e também social. Diz o documento de Medellín que quem celebra deve necessariamente *manter-se numa situação dinâmica e acompanhar tudo o que houver de são no processo de evolução da humanidade* (cf. cap. 9).

A liturgia não esgota toda a ação da Igreja (SC 9), portanto, não é a única fonte da

vida da Igreja, mas é a primeira e mais necessária fonte, da qual os fiéis podem haurir o espírito genuinamente cristão (SC 14). O teólogo Francisco Taborda afirma em um dos seus escritos que “a experiência cristã começa a fazer parte da vida humana, quando se expressa em símbolos. A fé deve sim expressar-se em ortopraxis, mas não é suficiente à plena estrutura da experiência de fé. Faz-se necessário que se expresse em símbolos que dão aos sentimentos e disposições íntimas estatura e forma, pois no símbolo o ser humano atualiza sua verdade mais nuclear com todas as suas faculdades”⁴

Note-se que, na afirmação da SC, é toda a liturgia que é cume e fonte (os sacramentos, a liturgia das horas, o ano litúrgico, as celebrações da Palavra), particularmente a eucaristia, entendida como pertencente à liturgia, e de tal maneira que é considerada o seu coração. A partir desta visão o Concílio Vaticano II fez uma reforma teológica, com orientações decisivas em função de um novo jeito de celebrar. O Concílio Vaticano II resgatou a eucaristia como ação (façam isto) e seu sentido pascal (em memória de mim) e assim a colocou no centro da vida da Igreja, como raiz de toda comunidade cristã. Recordemos, a seguir, pontos fundamentais destas mudanças práticas e dos princípios teológicos que estão na sua base.

3. Eucaristia: nova teologia e nova prática

Todo o trabalho de renovação procurou devolver à missa a sua estrutura original e às comunidades cristãs o seu fundamento

⁴ TABORDA, Francisco. *Lex orandi – lex credendi: origem, sentido e implicações de um axioma teológico. Perspectiva teológica*, n. 35, p. 81, 2003.

bíblico-teológico, ajudando a superar uma visão meramente devocional e rubricista, libertando o sacramento da Ceia do Senhor, dos artifícios alheios à sua natureza, e reconquistando a simplicidade como garantia de seu valor evangélico.

O recente Seminário, realizado pela CNBB, sobre *A Eucaristia na Vida da Igreja*⁵, foi uma transmissão qualificada do rito renovado e do seu significado teológico. O método usado foi justamente partir do rito, para chegar à teologia e à atitude espiritual correspondente, começando pela aclamação memorial, passando depois para oração eucarística, para a liturgia da palavra e, finalmente olhando a missa como um todo. O texto de referência durante o seminário foi o livro de Giraudo Cesare, *Num só Corpo*, já citado anteriormente.⁶ Os assessores foram o Frei José Ariovaldo da Silva, Ione Buyst e Francisco Taborda. Os itens seguintes deste capítulo, são basicamente uma síntese do que foi transmitido durante o seminário, seguindo o mesmo método e a mesma sequência.⁷

a) Em memória do mistério pascal

No centro da oração eucarística, a renovação litúrgica introduziu a aclamação memorial, *Eis o mistério de nossa fé! Anunciamos, Senhor, a vossa morte e proclamamos a vossa ressurreição. Vinde, Senhor Jesus!* Essa aclamação, juntamente com a

memória que se lhe segue (*celebrando, pois, a memória da morte e ressurreição...*) expressa que na eucaristia se realiza o que Cristo ordenou na última ceia: o memorial do seu mistério pascal. A eucaristia é, em primeiro lugar, memorial da morte e ressurreição do Senhor sob o sinal do pão e do vinho dados em refeição. A referência bíblica é o texto de Paulo em 1 Cor 11,26: *Toda vez que vocês comem deste pão e bebem deste cálice, anunciam a morte do Senhor, até que ele venha*. Trata-se não de um anúncio missionário, mas de um anúncio litúrgico, da morte do Servo Sofredor, ressuscitado e exaltado pelo Pai, recebendo por isso o título de Senhor.

O mistério da fé é o mistério pascal de Cristo e da Igreja. Professamos nossa fé na ação de Deus que ressuscitou Jesus e transfigura o mundo, que nos faz passar da morte à vida pela força atuante do seu Espírito, ao mesmo tempo, sempre na expectativa do reino em sua plena realização, *"até que Ele venha"*.

A palavra chave é Memória, que está antes (*fazei isso em memória de mim*) e depois da aclamação (*celebrando, pois, a memória da morte e ressurreição...*). Não se trata de evocação sentimental ou intelectual da presença de Jesus ou de simples lembrança da sua pessoa, mas de trazer, sacramentalmente, os fatos de sua vida, particularmente a morte e a ressurrei-

⁵ O Seminário nacional sobre *A Eucaristia na Vida da Igreja*, se insere no contexto do Projeto da CNBB, *Queremos ver Jesus, Caminho, Verdade e Vida*, no ano da Eucaristia, no Sínodo dos Bispos sobre Eucaristia e no Congresso Eucarístico Nacional de Florianópolis. Realizado em São Paulo nos dias 14 a 18 de fevereiro deste ano, teve como objetivos, atualizar conteúdos com base na tradição e na teologia, abrir perspectivas na renovação das celebrações e da espiritualidade cristã.

⁶ Cf. GIRAUDO, Cesare. *Num só corpo: tratado mistagógico sobre a eucaristia*. São Paulo: Loyola 2003. 620 páginas. O conteúdo deste livro pode ser encontrado em síntese, no livrinho "Redescobrimos a Eucaristia" do mesmo autor, também na editora Loyola.

⁷ Cf. *A Eucaristia na vida da Igreja: reflexões práticas finais*. Site da CNBB. www.cnbb.org.br.

reição nos quais culminou a história da salvação. É memorial de um vivo, que venceu o fracasso e a morte, e se faz presente, ritual e sacramentalmente, mediante 'sinais sensíveis' (SC 7). É atualização de sua entrega e de sua glorificação, fazendo-nos participantes desta sua oferta ao Pai, na expectativa da plena realização do reino de Deus. É uma ação profética que aponta o rumo por onde o mundo encontrará a paz e onde devemos centrar o nosso compromisso na construção de um outro mundo possível.

O que está em jogo não é tanto uma preocupação intelectual, para que o povo entenda, mas proporcionar que o povo experimente o mistério pascal e perceba este mistério em sua própria vida dando sentido e apontando saídas para as suas angústias e sofrimentos.

b) Fazer o que Jesus fez

A grande novidade da renovação litúrgica foi considerar que o memorial do mistério pascal de Cristo, segundo a ordem do Senhor, se realiza "fazendo o que ele fez naquela ceia derradeira". E o que ele fez? Tomou o pão, pronunciou a bênção de ação de graças, partiu o pão e o entregou aos discípulos... E fez o mesmo com o vinho... (cf. Mt 26,26-29; Mc 14,22-25; Lc 22,14-20). Nestes gestos de Jesus encontramos a estrutura básica da liturgia eucarística: "Tomou o pão" (preparação dos dons), "pronunciou a bênção de ação de graças" (oração eucarística ou anáfora),

"partiu o pão" (fração do pão), "deu a seus discípulos" (comunhão).

A **Preparação das oferendas** é o momento de preparar a mesa, de trazer o pão e o vinho, dádivas de Deus, fruto do nosso trabalho. Não é ainda o ofertório que acontece na oração eucarística (*Nós vos oferecemos, ó Pai, o pão da vida e o cálice da salvação...*)⁸. Por isso foi eliminada a elevação das oferendas neste momento.

A **Oração eucarística**, correspondendo às palavras de Jesus, "pronunciou a bênção de ação de graças", alude à bênção da mesa na tradição judaica, cuja finalidade não é pedir bênção sobre os alimentos, mas bendizer a Deus, a quem pertence todos os bens da criação. Alguém pronuncia a bênção e não começa a partir o pão antes que os comensais tenham aderido a sua bênção com o *amém*.⁹ Na última ceia Jesus seguiu o ritual da ceia pascal judaica.¹⁰

A oração eucarística é a grande ação de graças. Esta expressão "dar graças", compreendida a partir do seu contexto originário, significa confissão em duplo sentido: confissão da fidelidade de Deus e das nossas infidelidades,¹¹ no contexto de uma relação de aliança. A oração eucarística é solene prece de aliança, do povo sacerdotal celebrando a aliança que Deus, seu parceiro, estabeleceu por meio da Páscoa de seu Filho. A participação da assembléia é fundamental e se dá pelo canto do santo, da aclamação memorial e das demais intervenções; também pela escuta atenta e adesão a cada palavra e a cada gesto desta ação de graças.

⁸ Oração eucarística II.

⁹ Cf. GIRAUDO, Cesare. *Num só corpo: tratado mistagógico sobre a eucaristia*. São Paulo: Loyola, 2003.p. 151.

¹⁰ Idem, p. 131.

¹¹ Idem, p.151.

Nas orações eucarísticas (de tradição romana) a narrativa da instituição, que é o coração da prece eucarística, com a memória que segue, está entre duas epicleses, (invocação do Espírito) que se ampliam nas intercessões. A primeira pede a transformação do pão e do vinho no corpo e sangue do Senhor. A segunda invoca o Espírito sobre a assembléia, para que, *participando do Corpo e Sangue de Cristo, sejamos reunidos pelo Espírito Santo num só corpo*.¹² Com base na humilde confissão da fidelidade de Deus e da nossa constante espera de redenção é que a Igreja suplica para que através da nossa comunhão com o corpo sacramental o Pai nos transforme no corpo eclesial, com todas as implicações éticas e sociais, familiares e profissionais que este pedido fundamental comporta.¹³

A oração eucarística é um todo, cuja unidade de estrutura e gênero literário deve ser respeitada. Vale lembrar que apenas a oração eucarística I e III não têm prefácio próprio e a oração II admite troca de prefácio. As demais orações eucarísticas são uma unidade inseparável. Quem preside deve garantir, pelo tom de voz, pela atitude e pelos gestos, essa unidade. Por isso não se isole a narrativa da última ceia do resto da oração eucarística, nem pelo tom da voz, nem pela elevação da hóstia e do cálice, nem pela fração do pão. O relato da instituição é parte da oração que a Igreja dirige ao Pai, fazendo memória da páscoa de Jesus. A única elevação é no final da oração eucarística, ponto alto de toda esta

oração, quando se proclama *"Por Cristo, com Cristo e em Cristo..."* e o povo responde *'amém'* encerrando em oferta de louvor.

O gesto da **fração do pão**, que por si designava a eucaristia nas comunidades primitivas (Cf. At 2,46; 20,7), manifesta o valor e a importância do sinal da unidade de todos num só pão ou pelo menos num único prato. A verdade dos sinais exige que a matéria da celebração pareça realmente alimento, ainda que seja ázimo, de modo que no gesto de repartir a assembléia possa ver que a eucaristia é, de fato, partilha do pão. Que o seu significado profético de compromisso eclesial, ético e social, possa ser experimentado através do sinal visível da fração do pão. O Rito prevê a participação da assembléia na resposta do canto de invocação ao "Cordeiro de Deus", entoado por um(a) solista, enquanto acompanha atentamente o gesto.

A **comunhão** é a nossa participação na morte-ressurreição do Senhor, proclamada na oração eucarística. Há uma estreita relação entre a oração eucarística e a distribuição da sagrada comunhão. Por isso, se recomenda que os fiéis comunhem do corpo do Senhor da mesma missa (cf. SC 55) e participem também do cálice, para que assim, *através dos sinais, a comunhão apareça melhor como participação do sacrifício celebrado* (cf. IGMR n. 85). Portanto, os fiéis participam da eucaristia, comendo do pão e bebendo do vinho 'eucaristizados', sobre os quais foi pronunciada a bênção, segundo a tradição que nos vem do Senhor.

¹² Oração eucarística II.

¹³ Cf. GIRAUDO, Cesare. *Num só corpo: tratado mistagógico sobre a eucaristia*. São Paulo: Loyola, 2003. p. 385.

c) *Liturgia da Palavra e liturgia eucarística, um só ato de culto*

No quadro da última Ceia houve também uma liturgia da palavra, relato da libertação do povo hebreu do Egito e a resposta a este relato.¹⁴ O rito da missa, renovado pelo Concílio Vaticano II, nos orienta neste sentido. As Sagradas Escrituras foram colocadas no seu devido lugar, dentro das celebrações, tendo ressaltada a sua importância (cf. SC 24) e a ligação entre palavra e sacramento. No caso da celebração eucarística afirma-se que *a liturgia da palavra e a liturgia eucarística estão tão estreitamente unidas que formam um único ato de culto* (SC 56). A liturgia da Palavra, deixa de ser uma preparação catequética, para assumir característica sacramental da presença de Cristo, pois é ele que fala quando se lêem as sagradas Escrituras na missa (cf. SC 7).

Também aqui, é importante ter presente a perspectiva da Aliança: a liturgia da palavra é o momento do diálogo, da adesão à aliança. Deus chama e propõe as condições da aliança, enquanto o povo as ouve e aceita. Na liturgia eucarística esta aliança é "selada" no sangue do Cordeiro.

Da importância da Liturgia da Palavra decorre a exigência de uma atitude espiritual que passa pela postura corporal (tom de voz, olhar, semblante, vestes...) de quem atua como porta-voz de Deus que fala ao seu povo (leituras e homilia); e da parte da assembléia, o olhar atento, o silêncio do coração, a atitude de escuta, a disposição para responder em oração (no salmo e nos momentos de silêncio). Há uma estreita

relação entre a palavra, especialmente o Evangelho e a liturgia eucarística, que aparece no prefácio e no canto de comunhão.... A homília faz o gancho entre leituras bíblicas e a vida, mas também entre as leituras e a liturgia eucarística, na qual se celebra o mistério de Cristo ao longo de todo o ano litúrgico. Há de se manter um equilíbrio de tempo entre liturgia da Palavra e liturgia eucarística.

d) *Como povo sacerdotal*

As ações litúrgicas não são ações privadas, mas celebrações da Igreja, que é o 'sacramento da unidade' (...), pertencem a todo o corpo da Igreja, e o manifestam e atingem... (SC 26). Por isso todos os fiéis sejam levados àquela plena, consciente e ativa participação que a própria natureza da liturgia exige e à qual, por força do batismo, o povo cristão, 'raça escolhida, sacerdócio real, nação santa, povo adquirido, (1Pd 2,9; cf. 2,4-5) tem direito e obrigação (SC 14) .

Quem celebra a eucaristia é o povo de Deus. A base teológica está na participação do sacerdócio de Cristo pelo sacramento do batismo, que nos associa à sua vida e missão, para realizar a sua obra no mundo, obra de Deus e do seu Espírito por meio de nós. A palavra chave e que volta muitas vezes na SC é *participação*: ativa, interna e externa, consciente, plena, frutuosa.

Desde o primeiro momento da celebração, nos **ritos iniciais**, aparece visivelmente a Igreja nas suas características essenciais de povo, convocado por Deus no Espírito Santo, sob a presidência do ministro orde-

¹⁴ Cf. LUTZ, Gregório. A Eucaristia: sua teologia e prática diante das deformações atuais. *Revista de Liturgia*, São Paulo, v. 32, n. 189, p. 7.

nado, reunido para celebrar o mistério pascal e tomar-se, cada vez mais, o que nunca deixou de ser: corpo eclesial de Cristo. A comunidade toda – povo e ministros – celebra a eucaristia, cada um na sua função específica que lhe foi conferida num sacramento: o batismo-crisma e a ordem.

O celebrante principal da eucaristia é o próprio Cristo; ele está visível no ministro ordenado, sacramento do Cristo-cabeça e na assembléia, seu corpo eclesial. Além do ministro ordenado, há serviços de leitores, cantores, instrumentistas, acólitos, exercidos por leigos(as), e que são considerados verdadeiros ministérios litúrgicos a serviço da assembléia (cf. SC 29). Quem preside o faz, não como alguém que está acima, mas colocando-se junto, na qualidade de discípulo, como entendia Agostinho: “Com vocês eu sou cristão, para vocês sou bispo”.

Os ritos iniciais remetem aos **ritos finais**, nos quais somos enviados em missão (cf. Mc 3,14), para sermos sacramento de unidade, mensageiros de solidariedade e paz, testemunhas da páscoa em nosso dia a dia.

4. Redescobrimo a eucaristia na vida religiosa

Infelizmente não chegamos a tirar todas as conseqüências das mudanças introduzidas pela renovação litúrgica. A celebração da eucaristia no interior de nossas comunidades religiosas, nem sempre revelam toda evolução pela qual passou este sacramento fundamental da fé, e nela nem sempre aparece claramente a sua condição de cume e fonte da vida, da espiritualidade.

Além disso, no atual momento assistimos a um movimento de volta ao modelo

medieval, respaldado pelos meios de comunicação, acordando no povo imagens e sentimentos que pertencem ao passado, mas que estão ainda vivos e muito arraigados, em oposição a todo esforço empreendido pela pastoral litúrgica, em vários níveis de sua organização, nestes últimos anos.

Muitos(as) jovens que chegam às nossas comunidades fazem parte deste movimento de volta ao passado e apresentam dificuldades no que diz respeito a uma catequese mais de acordo com a nova teologia e a nova prática proposta pelo Vaticano II. Há um trabalho urgente a ser feito, sistemático, a partir e em função da celebração e da vida.

Neste ano eucarístico, passados 40 anos da SC, talvez estejamos em boa hora de recolocar a eucaristia no centro de nossa vida e missão, investindo na formação e no aperfeiçoamento de nossa maneira de celebrar.

a) *Uma formação necessária*

Antes de mais nada seria necessária uma retomada da teologia litúrgica da eucaristia que tem suas raízes na bíblia e na autêntica tradição da Igreja, para apropriar-se do sentido teológico que está ‘embutido’ nos diversos elementos que compõem o ritual da missa. Faz-se necessário uma formação que nos devolva a unidade perdida entre teologia e ação ritual, que corrija os nossos métodos de catequese desvinculada da expressão ritual da fé, para chegarmos, de fato, a participar da celebração com conhecimento de causa, como pedia a SC (cf. n. 11).

Portanto, faz-se necessário uma formação sistemática, não só sobre a Eucaristia, mas sobre o conjunto da liturgia: aprofun-

dar termos fundamentais como mistério pascal, memória, povo sacerdotal, ação simbólica; redescobrir a pedagogia do tempo litúrgico em seu ritmo diário (memória de Jesus associada ao amanhecer e entardecer), semanal (celebração dominical) e anual (ciclo pascal, ciclo do natal e tempo comum); trabalhar a função da música ritual, a teologia do espaço, etc.

Trata-se de uma formação permanente, em todas as idades, mas certamente com maior intensidade no período da formação inicial. Chego a pensar que a liturgia deva ser uma matéria muito bem integrada nos planos de formação, de modo a acompanhar todas as etapas, em pequenas doses talvez, mas em uma seqüência progressiva, a partir e em função da prática celebrativa, admitindo voltar em pontos que não foram ainda assimilados na prática.

A tendência atual é adotar para a formação litúrgica uma pedagogia que leve em conta o método usado no primeiro milênio, ou seja, partir da experiência celebrativa para chegar à teologia e à espiritualidade e voltar ao rito no sentido de qualificá-lo. Minha experiência no Centro de Liturgia em São Paulo e, atualmente, na Rede Celebra,¹⁵ tem sido a descoberta e o exercício de um método de fazer formação litúrgica na ação, unindo reflexão e prática, partindo da prática celebrativa para chegar a uma liturgia menos cerebral, mais afetiva, orante, sem deixar de ser profun-

damente ligada à vida. Fazem parte do processo formativo os momentos celebrativos, com exercício de preparação e avaliação.

Nesta linha temos adotado com muito proveito a técnica do laboratório litúrgico. Este consiste fundamentalmente na escolha de um determinado rito ou parte dele, a ser trabalhado sob vários aspectos, com o objetivo de buscar a unidade entre o gesto externo, o sentido teológico e a atitude interior, através do exercício da autenticidade na execução do rito.

Trata-se de uma pedagogia que tem como meta imediata educar para a ritualidade, buscando a inteireza da pessoa – corpo, mente, alma e espírito – levando em conta os diferentes níveis de participação, ativa, interna e externa, consciente, plena e frutuosa, para recuperar a liturgia como expressão autêntica da fé, próxima do ser humano, reveladora do mistério divino manifestado em nossa humanidade.¹⁶

b) Um novo jeito de celebrar

Ao esforço pela formação é necessário corresponder uma prática celebrativa, que seja de fato 'lugar teológico' primeiro, que nos permita vivenciar ritualmente o que a teologia ensina. Em muitos casos, faz-se necessário uma profunda avaliação da celebração eucarística, em confronto com as mudanças propostas pela reforma litúrgica, e que em síntese se encontra na Instrução Geral do Missal Romano.¹⁷

¹⁵ A Celebra é uma Rede de animação litúrgica de pessoas e grupos cristãos, aberta ao diálogo ecumênico, comprometida com uma liturgia, fonte de espiritualidade, inculturada na caminhada solidária dos pobres, a serviço da animação litúrgica nas comunidades.

¹⁶ Sobre Laboratório Litúrgico, cf. BARONTO PINHEIRO, Luis Eduardo. *Laboratório Litúrgico: pela inteireza do ser na vivência ritual*. São Paulo: Salesianas, 2000. 184 p. (Em breve estará reeditado na editora Paulinas).

¹⁷ A Instrução Geral do Missal Romano, da qual temos uma nova edição desde 2002, se encontra

Isso poderia evoluir para uma busca de adaptação e até de inculturação, incentivada pelo Concílio, quando diz que a *Igreja não deseja impor uma forma rígida e única para aquelas coisas que não dizem respeito à fé ou ao bem de toda a comunidade* (SC 37). São totalmente legítimos os diferentes estilos de celebração, à condição que seja sempre celebração da eucaristia como herdamos de Jesus.

Proponho a você que está lendo este artigo, começar, olhando para a celebração da sua comunidade, procurando perceber a coerência (ou incoerência) entre o seu jeito de celebrar e os novos princípios e orientações emanados da reforma conciliar; seja do ponto de vista da assembleia, sua participação, envolvimento, inteireza, seja da parte de quem atua como presidente, leitores(as), salmistas, cantores etc. Proponho alguns pontos para a sua observação, mas você, junto com sua comunidade, poderá acrescentar outros:

- Como é valorizado em sua comunidade o ato de se reunir? O espaço ajuda a se colocarem em círculo, expressando melhor a realidade da comunhão? O estilo é simples, coloquial, amoroso, orante, ou predomina o formalismo, a funcionalidade, a visão rubricista?

- Passando para os ritos iniciais, lembremos que a saudação precedida pela proclamação e canto de abertura, ressalta que é Deus quem convoca e que a iniciativa é dele. Por isso, só depois desta saudação convém situar a celebração no tempo ou festa

e na realidade da comunidade com a recordação da vida. O ato penitencial é um apresentar-se pequeno(a) diante da grandeza de Deus, não deve ser confundido com sacramento da penitência devendo-se evitar descrição de pecados. É recomendável aos domingos substituir o ato penitencial, pelo rito da aspersão que renova em nós a inserção no mistério pascal, acentuando nossa identidade de povo sacerdotal. Como você avalia os ritos iniciais na sua comunidade?

- E a Liturgia da Palavra? Há um lugar de onde se anuncia a Palavra, inclusive o salmo de resposta, em igual dignidade com o altar? Postura corporal e atitude interior devem aliar-se para que a Palavra de Deus seja verdadeiramente anunciada, através das leituras, do salmo de resposta, da homília, para que seja real o diálogo entre o esposo e a esposa que escuta e acolhe, através do silêncio, do canto, dos gestos.

- Como está evidente na celebração eucarística de sua comunidade a dimensão de ceia, de refeição? O que pode ajudar é o uso de pão em vez de hóstia, no caso de hóstias, pelo menos que sejam usadas somente as grandes e colocadas em um único prato para guardar o sentido da unidade, e poder ser visível o rito da fração do pão. É importante que a comunhão seja com o pão eucaristizado na mesma missa, e não tirado do sacrário e que seja comunhão também com o vinho.

- O que vocês podem fazer, em diálogo com quem preside, para que a prece eucarística seja recitada de tal maneira que

nas primeiras páginas do próprio missal e ainda no livro: As introduções gerais dos livros litúrgicos. São Paulo: Paulus, 2003, p. 99. Vejam também uma visão completa da missa, considerando cada uma de suas partes: BUYST, Ione. A missa: memória de Jesus no coração da vida. São Paulo: Paulinas, 2004, 172 p. Outro texto importante da mesma autora se encontra na *Revista de Liturgia*, Uma nova prática e uma nova teologia, v. 29, n. 172, p. 4.

a assembléia possa acompanhar, prestando atenção nas palavras e nos gestos desta oração? Quem proclama a oração deve garantir a sua unidade, sem isolar a narrativa da última ceia com elevações e outras interferências que prejudicam a dimensão de memorial. A assembléia deve acompanhar de pé, atenta às palavras da oração, cantando as aclamações. A genuflexão de quem preside e a inclinação da assembléia, depois de mostrar o pão e o vinho, em sinal de adoração, são gestos discretos que não chegam a prejudicar a estrutura unitária. Que ao menos nos domingos e dias festivos, se cante a aclamação memorial e sempre se elimine neste momento gestos e cantos devocionais ("Bendito, louvado seja", "Deus está aqui", "Eu te adoro, hóstia divina" etc).

- O abraço da paz não é um cumprimento banal, é expressão da íntima relação que existe entre o Corpo de Cristo que se recebe no pão e no vinho e o corpo de Cristo que é a comunidade eclesial. Com este abraço expressamos também a reconciliação entre nós e todos os cristãos, antes de participarmos da comunhão eucarística. Como este gesto é feito na celebração de sua comunidade?

c) *Da eucaristia à vida*

Como vimos anteriormente, a finalidade de toda a ação *eucarística converge sobre a Igreja como corpo que se constrói ao ritmo de nossas eucaristias*.¹⁸ Na oração eucarística, imploramos ao Pai que envie o Espírito Santo sobre o pão e sobre o vinho

para transformá-los no corpo sacramental, a fim de que todos os que receberem a comunhão sejam transformados "num só corpo", o corpo eclesial. Sabemos que a comunhão não é obra fácil, nem é obra nossa, mas é obra de Deus em nós e que *não se edifica nenhuma comunidade cristã, se ela não tiver por raiz e centro a celebração da Santíssima eucaristia, pela qual há de iniciar-se toda a educação do espírito comunitário* (PO n. 6).

Por isso pedimos ao Pai que transforme nossa vida em servidores do reino, como Jesus. Entramos na celebração com a consciência de nossa fragilidade, confessamos a Deus a nossa impotência, levamos também nossas conquistas e alegrias, as angústias e os sofrimentos do mundo para viver tudo isso, com mais intensidade, naquela relação particular com Deus e com os irmãos e irmãs, com o Cristo, em ação de graças pelo dom do seu sacrifício. Ali, no coração da oração Eucarística proclamamos o grande anúncio da nossa fé, a vitória da vida sobre a morte, como realidade já presente em nós e no mundo, mas ainda por se completar (*até que ele venha*).

Terminada a celebração vamos ao nosso cotidiano, no lugar do nosso trabalho, levando um segredo no coração: "o amor até dar a vida"¹⁹, seja na comunidade, naqueles gestos grandes ou pequenos que expressem nosso amor, nosso perdão, nossa dedicação; seja na fidelidade ao nosso trabalho cotidiano; seja em qualquer lugar onde a vontade de Deus nos coloca. O amor concreto será o sinal de que vivemos confor-

¹⁸ GIRAUDO, Cesare. Redescobrimo a eucaristia. São Paulo, Loyola, p. 48.

¹⁹ VAN DER MEER, Germano. Formação e pastoral: desafios e perspectivas. *Unidade e carismas*. Janeiro/fevereiro 2001, p. 11.

me a páscua que proclamamos: *Sabemos que passamos da morte para a vida, porque amamos os irmãos* (1Jo 3,14), não como um peso, mas na alegria da ação de graças, da eucaristia, na alegria de quem descobriu um tesouro.

O próprio rito da profissão religiosa, expressa claramente a relação entre a vida religiosa e a eucaristia. As palavras da profissão pronunciadas no interior da celebração eucarística, bem como o gesto de colocar e assinar a fórmula sobre o altar²⁰, e o canto do salmo 118,116 que segue (*sustenta-me com a tua promessa e viverei, e não serei confundida na minha esperança*)²¹ ressaltam a relação entre a oblação de quem faz a profissão, e a oferta de Cristo renovada sacramentalmente sobre o altar.²² A entrega de si mesma que a pessoa exprime em sua profissão, prometendo obediência até a morte, é participação interior e pessoal no sacrifício perfeito de Cristo ao Pai, comunicado a nós no sacramento da eucaristia.

A este propósito afirma Mayté Merino: “Nós nos transformamos em vítimas que se unem a Cristo pela salvação do mundo. É neste dia que morremos. Pode chamá-la de morte sacramental, espiritual, ou cada um(a) poderá dar o nome que o expresse melhor; mas neste dia nós nos unimos definitivamente à morte de Cristo e nós estreamos uma nova e definitiva maneira de

ser e de existir na qual daremos tudo. Nenhum cantinho de nossa alma nos pertence. Entregamos tudo e é por isto que se pode pedir tudo de nós, até mesmo a vida.”²³

Enzo Bianchi, em seu livro *O Manto de Elias*, lembra que “o que acontece no âmbito da profissão religiosa, já é inerente ao batismo” no qual, diz ele, “não projetamos nada, aceitamos ser imersos na morte de Cristo, para podermos participar da sua ressurreição (cf. Rm 6,4) (p. 24).” Com a profissão religiosa a pessoa profere seu compromisso, mas sabe que está diante de “um acontecimento cujo único protagonista é o Senhor”²⁴. De nossa parte, o que podemos, segundo Enzo, “é aceitar que Deus opere continuamente em nós e faça crescer (...) os germes de crucificação e de morte que plantou em nós com o batismo.” E é isso, o que o Espírito de Deus realiza em nós quando celebramos a eucaristia.

A comunidade em missão, é, mais uma vez o lugar do exercício e do testemunho deste sacerdócio batismal e desta consagração que nos é dada. A vida religiosa é um chamado à “perfeita caridade”, diz o Decreto *Perfectae Caritatis* (1,11). Esta perfeita caridade nada tem a ver com a fraternidade que muitas vezes idealizamos. No dizer de Bonhoeffer “quem conhece uma comunhão idealizada, exige de Deus, dos outros e de si mesmo o cumprimento dessa visão. Entra na comunhão cristã com

²⁰ cf. Rito de Profissão das religiosas n. 70.

²¹ O canto do *suscipe* (cf. Sl 118,116), tipicamente monástico (RB 58,21), foi inserido no Rito da Profissão Religiosa, perpétua (cf. n. 71). Cf. Também: MARTIMORT, A. G. *Os sacramentos; igreja em oração*, v. 3. Petrópolis: Vozes, 1991, p. 250.

²² Cf. VV.AA. *Os sacramentais e as bênçãos*, col. Anamnesis v.6, 1993, p. 55.

²³ MERINO, Mayté, Ir. (Espanha). *Obéissance jusqu'à la mort; la liberté engagée dans la mission*. In: *Lien des Moniales*, Belmont-Tramonet (France), n. 158, 2004.

²⁴ BIANCHI, enzo, *O manto de Elias*. Aparecida: Editora Santuário, 1985, p. 9.

exigências...". No entanto, diz ele, "é a graça de Deus que logo levará tais sonhos ao fracasso, pela desilusão com os outros (...) e, se tudo correr bem conosco mesmos (...), para nos dar a conhecer a autêntica comunhão cristã".²⁵ Esta comunhão supõe despojamento, para agradecer continuamente a Deus pela dádiva de ter irmãos e irmãs na fé, mesmo quando sentimos o peso da nossa condição vulnerável.

Toda esta realidade da eucaristia, celebrada e vivida em nosso dia a dia, supõe tempo de assimilação pessoal, de *mistagogia*. O pão que fica depois da celebração, reservado antes de tudo para os doentes, é ao mesmo tempo perene lembrança do mistério celebrado. Assim, a oração pessoal diante do Santíssimo, retoma e aprofunda, em forma de contemplação mistagógica, a nossa participação no mistério pascal de Jesus e o nosso compromisso com a comunhão. Também a *lectio divina*, dos textos bíblicos prolonga e aprofunda nossa escuta da Palavra de Deus celebrada na comunidade. Este método de ler a bíblia, consagrado por gerações de judeus e cristãos, tão valioso na leitura e meditação das palavras da escritura, pode ser perfeitamente aplicado a textos litúrgicos, como a oração eucarística por exemplo, para enraizá-los em nossa mente e coração.

Por fim, fica uma sugestão: fazer de cada refeição comum em nossas comunidades, uma pequena eucaristia, na continuação da ceia eucarística, lembrando as muitas refeições que Jesus fez com os seus antes e depois da ressurreição. Reunindo-nos em torno da mesa, ouvindo uma breve passagem bíblica, dando graças ao Pai por Jesus, no Espírito Santo, dando adesão íntima a este gesto, podemos fazer de cada refeição um momento forte de encontro, de acolhida do hóspede que chega, de dedicação de uns pelos outros... Como pode ser esta oração? Na mesma linha da *beraká* judaica, bendizemos a Deus, por tudo o que ele nos dá, especialmente pela bênção do alimento; pedimos que continue nos abençoando e dando o pão de cada dia, a nós e a todos, lembrando especialmente dos que passam fome. Podemos terminar expressando o nosso desejo de que *um dia possamos sentar todos juntos na mesa do reino, por Cristo nosso Senhor. Amém.*

Penha Carpanedo, é irmã da congregação Discípulas do Divino Mestre. Tem mestrado em liturgia, coordena o serviço de redação da Revista de Liturgia, é membro da Rede Celebra e atua no trabalho de formação litúrgica nas comunidades.

Endereço da autora:

Rua Buri, 115 - Pacaembu
01246-050 São Paulo - SP

**QUESTÕES PARA
AJUDAR A LEITURA
INDIVIDUAL OU
O DEBATE EM
COMUNIDADE**

- 1- Coloque por escrito suas descobertas e os desafios quanto à teologia da eucaristia e sua prática celebrativa, bem como sua função de cume e fonte da vida espiritual.
- 2- Em que pé está a sua comunidade? Em que pontos é confirmada? Em que pode melhorar?

²⁵ Bonhöffer, Dietrich. Vida em comunhão. São Leopoldo: Sinodal, 1986, p. 14 e 15.

Oséias, o profeta das relações de amor e da anti-idolatria

"Quero misericórdia; sacrifício, não!" (Os 6,6)

"Eu vou, eu mesmo, persuadir o povo, conduzi-lo ao deserto e convencê-lo" (Os 2,16)

FREI GILVANDER MOREIRA

1- Chaves de leitura para os textos proféticos

Os textos proféticos da Bíblia não são biográficos nem relatos jornalísticos; não são histórias, no sentido de "fatos verificados". Textos proféticos são textos ricos em simbologia visando orientar o comportamento; são textos literários e, como tais, devem ser interpretados. Interpretá-los literalmente, de modo fundamentalista, é deturpar seu sentido, traindo seu objetivo.

Os profetas e as profetisas da Bíblia não tinham um canal de comunicação direta com Deus, como se fossem pessoas privilegiadas. Deus não ditava-lhes as profecias. Devemos sepultar, de uma vez por todas, essa idéia que só serve para impedir as pessoas simples de desenvolverem a capacidade profética que todos nós temos. Não precisamos ficar lamentando: "Ah, se eu fosse Jeremias, se eu fosse Elias, ou Ezequiel, ou Amós, ou Oséias.". Os profetas e profetisas da Bíblia eram pessoas do povo. Conseguiram desenvolver toda a beleza, a grandeza e a dignidade humana existente neles. Isto é possível a qualquer pessoa que se coloque em sintonia com a realidade do povo simples, na perspectiva da fé libertadora.

A profecia está na vida e está na Bíblia,

mais na vida do que na Bíblia. Nesta está em uma forma literária e estruturada. Certamente os profetas não escreveram exatamente como está nos textos que temos hoje. Os textos nasceram e cresceram devagar, com acréscimos, retoques, cortes, adaptações a novas situações. No fim, alguém se encarregou da redação final.

A palavra profética não se esgota no seu início, mas transforma-se em uma seiva que percorre gerações, sofrendo releituras. Os livros proféticos são, portanto, produto de um longo processo de redação e interpretação, que exige longo tempo e envolve muitas pessoas.

Os textos proféticos sofreram contínuos acréscimos ou cortes. Cada profeta ou profetisa abre um novo caminho, seguido e alargado por outros e agora por nós que os interpretamos e os seguimos. Os discípulos de Oséias modificaram o texto ao longo de mais de 100 anos, após a morte do profeta. O mesmo sucedeu com o texto de outros profetas.

É importante lembrar que profecia não é adivinhação do futuro. A palavra profeta deriva do grego "pro-phemi", isto é, "falar frente a ou sob a direção de"; neste caso, falar em nome de Deus.

No Primeiro Testamento bíblico, a expressão *debar yhwh* / *'elohîm* (= palavra de Javé / Eloim) aparece 241 vezes. Em 225 casos refere-se à palavra recebida ou proclamada por um profeta (ou uma profetisa). logo, podemos concluir que *debar yhwh* / *'elohîm* (= palavra de Javé / Eloim) "é quase sempre um termo técnico para referir-se ao anúncio profético da palavra"¹.

O profeta (ou a profetisa) está inserido em um movimento profético. No passado se usava, com frequência, a expressão "*escola de profetas*" para salientar que o profeta não é uma pessoa isolada, um iluminado, mas alguém pertencente a um grupo, com o qual partilha a vida. Hoje, prefere-se falar em "*movimento profético*", pois "*escola*" implica algo mais formal e restrito. "*Movimento*" expressa melhor o que acontecia com os profetas, pois os profetas e as profetisas se inspiravam conjuntamente e, às vezes, conspiravam juntos, sem militar, necessariamente, na mesma trincheira.

Nenhum livro profético é um todo homogêneo. Encontramos, muitas vezes, textos heterogêneos e até contraditórios em um mesmo livro profético. Existem, no mínimo, três etapas que se entrelaçam na produção de todos os livros proféticos:

- **A atuação do profeta.** Este procura usar a forma mais apropriada para comunicar a sua mensagem. Às vezes, de forma mais simbólica; outras vezes, com uma denúncia nua e crua ou conciliando crítica com anúncio de salvação, com convite para a conversão.

- **A atualização hermenêutica de sua palavra** é aplicada a novas situações,

recriada ou até invertida. Por exemplo, os versículos 14 e 19 do capítulo 26 de Isaías são, à primeira vista, contraditórios no tocante à questão da ressurreição. Is 26,19 diz: "*Os teus mortos hão de reviver e seus cadáveres se levantarão. Os que dormem no pó vão acordar e cantar...*". Em uma aparente contradição, Is 26,14 afirma: "*Os mortos não vão reviver, as sombras não se levantarão.*".

- **A redação de um texto completo** que pode ser ou não o texto que está na Bíblia. Por exemplo, as redações do livro do profeta Jeremias constam nos manuscritos, em hebraico, do texto chamado de Massorético² e estão presentes também na tradução grega da Bíblia, a chamada "Setenta". São dois textos semelhantes, mas com muitas diferenças.

Para entender bem o livro do profeta Oséias, deve-se procurar o que está por trás das palavras, dos acontecimentos, das manifestações religiosas e da política, em cada trecho do texto. Veremos como Oséias medita sobre os problemas perenes da vida, apresentando um Deus não "religioso", isto é, ligado ao culto.

Não podemos fazer leitura fundamentalista e literal do livro de Oséias, nem uma

¹ S. BRETON, *Vocación y misión: formulario profético*, Analecta Bíblica 111 (Roma 1987), p. 31.

² Texto Massorético é o texto da Bíblia escrito em hebraico com vocalização. O hebraico primitivo não tinha vogais. A vocalização foi introduzida mais tarde nos manuscritos da Bíblia Hebraica: Primeiro Testamento, sem os livros deuterocanônicos.

simples interpretação alegórico-figurativa que ignora substrato histórico do texto. Não se pode, simplesmente, dizer: Oséias representa Deus, e a mulher prostituída representa o povo "sempre descabeçado". Se ficarmos presos a esse esquema, perderemos a cascata de energias, luzes e forças que jorra do livro de Oséias.

2- Palavra profética é Palavra de Deus

O livro do profeta Oséias começa assim: "**Palavra de Javé** a Oséias... Princípio das **palavras de Javé** por intermédio de Oséias" (Os 1,1-2). E, disseminadas pelos catorze capítulos, aparecem, muitas vezes, expressões como: "*Disse Javé a Oséias*", "*Javé (Ihe) disse*", "*oráculo de Javé*".

Os oráculos proféticos, normalmente, são introduzidos com uma fórmula característica: "*Assim disse Javé....*" ou "*Oráculo de Javé*" (Jr 9,22-23). A expressão "*ne'm YAHWEH*", em hebraico, geralmente traduzida por "oráculo de Javé" ou "Palavra

de Javé", significa "sussurro, cochicho de Deus no ouvido do profeta ou da profetisa". Para entender um cochicho, um sussurro, é preciso fazer silêncio, prestar muita atenção, estar em sintonia, ter proximidade, ser amigo. Logo, Deus não falava claramente aos profetas, como nós, muitas vezes pensamos. Deus fala hoje para(em) nós do mesmo modo que falava a profetas e profetisas. Deus cochicha (sussurra) a nossos ouvidos, sempre a partir da realidade dos empobrecidos e excluídos, na trama complexa das relações humanas. Precisamos colocar nossos ouvidos e nosso coração pertinho do coração dos excluídos, para que nossas palavras possam refletir algo da vontade de Deus. Mais que fazer cursos de oratória, precisamos de cursos de "escutatória". Para ouvir os clamores mais profundos dos excluídos, é necessário conviver com eles.

O livro de Oséias se abre alertando que a profecia não é somente de Oséias, mas de Javé. Essa acentuação se dá em contexto de falsos profetas.

Por 900 vezes, no Primeiro Testamento, se sublinha que a palavra transmitida pelos profetas não é ocorrência pessoal nem fruto das idéias próprias, mas *palavra de Deus*. Para os profetas era mais importante acentuar a origem divina da palavra (900 vezes) do que expressar a experiência subjetiva de ter recebido a palavra (233 vezes no Primeiro Testamento). Mas analisando essas ocorrências nos textos proféticos, observamos que "foi no século VII a.e.c., em Jeremias e Ezequiel, que mais se sentiu a necessidade de insistir em ambos os aspectos: origem divina da Palavra profética e consciência subjetiva de recebê-la"³. Por exemplo, a fórmula "*veio a palavra de Javé....*" se encontra em Jeremias 44 vezes, e em Ezequiel, 50 vezes. A fórmula "*disse Javé a....*", que aparece 19 vezes nos profetas do século VIII, é encontrada 57 vezes em Jeremias e 86 em Ezequiel.

³ J. L. SICRE, *O profetismo em Israel; O profeta. Os profetas. A mensagem*. 1.ed. São Paulo: Vozes, 1996, p. 103.

Nos primórdios da história não havia a necessidade de apresentar a palavra profética como sendo "de Deus". O profeta Gad, por exemplo, ordena a Davi que se instale em território de Judá, fala em nome próprio sem dizer que houve revelação divina (1Sm 22,5). O profeta Elias, de repente, sem preparação alguma nem justificação, em nome próprio, anuncia a chegada de uma terrível seca (1Rs 17,1). As palavras de Gad e Elias foram levadas a sério, mesmo não sendo explicitamente "palavras de Deus". "É possível que as fortes polêmicas do final do século VII e começos do VI a.e.c., entre diferentes tendências proféticas, motivassem essa insistência descomunal na afirmação de que o profeta transmite a palavra de Deus, palavra previamente recebida por ele"⁴. Isso nos revela a existência de um contexto profundamente conflituoso, onde se faz necessário legitimar a profecia diante de uma "gritaria de deuses". A ênfase no livro de Oséias em revelar que a profecia "é palavra de Javé" não pode apenas ser considerada acréscimo posterior introduzido no texto; ela demonstra o conflito da época em que Oséias profetizou. Ele estava no meio de uma multidão de falsos profetas, de sacerdotes de Baal, de sacerdotes que tentavam baalizar Javé. Logo, uma das formas de legitimar sua profecia é dizendo que não se trata apenas de palavras dele, mas de palavras de Javé.

3- Navegando nas profecias de Oséias

Temos acesso a traduções do livro de Oséias na língua portuguesa, porém é importante recordar que os "originais" desse livro são textos dos menos conservados na Bíblia, há muitas corrupções nesses textos "originais". Os manuscritos de Oséias apresentam diversas versões. Isso dá margem para diversas interpretações e também abre portas para desvendar mistérios e construir novas interpretações.

De modo geral, no livro de Oséias estão perícopes⁵ mais longas. Isso indica uma forte presença do movimento profético na redação do livro. Normalmente os discursos públicos do próprio profeta (ou profetisa) são breves e pontuais⁶, como ocorre em outras profecias (por exemplo, em Am 3,3-15 e Mq 3). Logo, ao ler uma profecia do livro de Oséias é importante considerar que estamos diante de um texto que é fruto de um processo histórico, feito por muitas mãos, cabeças e corações.

4- Chão histórico do livro de Oséias

A data provável da profecia de Oséias é 755 a 721 a.e.c. Trata-se do final do reino do Norte, últimos anos do reinado de Jeroboão II até o reinado de Oséias filho de Ela. No primeiro capítulo de Oséias está uma forte crítica contra a dinastia de Jeú.

⁴ J. L. SIGRE, *O profetismo em Israel; O profeta. Os profetas. A mensagem*. 1.ed. São Paulo: Vozes, 1996, p. 103.

⁵ Chamam-se perícopes os trechinhos em que a Bíblia é dividida, segundo o assunto. Têm início, meio e fim. Nem sempre uma perícopa coincide com a divisão em capítulos. Perícopa é basicamente um trecho lido nas celebrações litúrgicas. Se em um trecho bíblico houve mudança de assunto, de personagens, de tempos e de lugar é sinal de que já estamos em outra perícopa.

⁶ Cf. SAMPAIO, TÂNIA MARA VIEIRA, "Oséias: uma outra profecia", em RIBLA 35/36, Ed. Vozes, Petrópolis, Ed. Sinodal, São Leopoldo, 2000, p. 154.

Os capítulos 2 e 3 refletem certa prosperidade de produção e tranquilidade política, marcas do reinado de Jeroboão II. Do capítulo 5 em diante, estão reflexos da crise que se instaura em Israel, devido a pressões externas vindas do Império Assírio. Com a chamada guerra siro-efraimita e a subjugação de parte do território por Teglat-Falasar III (rei da Assíria), por volta de 733 a.e.c., aumenta significativamente na palestina o clima de violência e insegurança interna. Os capítulos finais de Oséias testemunham os acontecimentos em torno do ano 724 a.e.c., data do cerco à cidade de Samaria e da destruição do reino do Norte, com o conseqüente exílio do povo para a Assíria, potência imperialista da época.

5- A estrutura literária da profecia de Oséias

Os estudiosos do livro de Oséias apresentam variados esquemas para estruturar a obra⁷, com pequenas diferenças entre si. A profecia atribuída a Oséias é composta de catorze capítulos. Podemos dizer que os catorze capítulos estão organizados em duas grandes unidades: 1ª) Os 1-4; 2ª) Os 5-14. O capítulo 4 parece ser o grande elo das duas partes, pois faz uma ligação entre o conteúdo de Os 1-3 e o de Os 5-14.

O quarto capítulo de Oséias versa sobre o cotidiano da colheita, com uma veemente crítica aos sacerdotes, já que eles representavam o estado. A idolatria justificava religiosamente as relações de opressão e exploração. A isso Oséias chamava de prostituição e de adultério. Eram

frequentes em Israel e afetavam as relações entre mulheres e homens dentro de casa. Em Os 4 temos uma profecia que denuncia a macro-opressão realizada pelos "sacerdotes", e outra que põe o dedo na ferida da micro-opressão que acontece nas relações interpessoais, particularmente entre homem e mulher, entre adultos e crianças. O miúdo da vida (o cotidiano) e o macro da vida são as duas pernas presentes na profecia de Oséias. Para entender bem a profecia do livro de Oséias, é preciso considerar essas duas dimensões que se entrecruzam no texto. É necessário não esquecer também que estrutura e conteúdo estão implicados e condicionam o sentido da profecia. Conteúdo é as coisas que a gente diz, e estrutura é o jeito de arrumar os assuntos dentro de um texto. Uma determinada estrutura sugere tal tipo de conteúdo, e, em grande parte, um determinado conteúdo exige ser veiculado em uma determinada estrutura.

6- Uma hermenêutica libertadora de Oséias

Para entendermos bem a profecia de Oséias, precisamos levar em consideração as implicações dos gêneros literários presentes no texto. Precisamos também não cair na armadilha da interpretação simplesmente alegórica, com base em polarizações como Javé-Israel, marido-mulher e fidelidade-infidelidade. Isso reduz tremendamente a realidade gritante que lateja por trás do texto. Por isso vamos navegar um pouco por algumas das profeci-

⁷ Horacio SIMIAN-YOFRE, no livro *El Desierto de los Dioses, Teología e Historia en el libro de Oseas*, apresenta o seguinte esquema: Os 1-3: parábola da vida do profeta; Os 4-7: Crítica contundente aos Sacerdotes dentro da sociedade de Israel do Norte; Os 8-10: Relação da religião com a política; Os 11-14: Relação pessoal entre Javé e o povo de Israel!

as de Oséias, mas levando no coração as angústias das pessoas marginalizadas e excluídas e, particularmente, o clamor das mulheres, que resistem, apesar de tudo, frente à violência patriarcal e outros dos mais diversos matizes.

Os primeiros quatro capítulos focalizam o âmbito da casa e suas relações peculiares. Oséias, nos capítulos de 5 a 14, amplia o foco, detendo-se no mo(vi)mento promovido em várias instâncias do Estado monárquico (a corte do rei, seu exército, sacerdotes e funcionários). Isso nos mostra que a profecia de Oséias vai do miúdo da vida para o macro, do cotidiano para as questões globais, mas revelando a interdependência e o entrelaçamento das várias dimensões da vida humana e social. Oséias denuncia o poder opressor localizado nas grandes instituições, mas também desvenda a microfísica do poder: todas as relações interpessoais (sociais, etc) são permeadas de relações de poder. O poder não está localizado somente nas grandes instituições, mas está presente nas micro-relações. Estão permeadas de poder as relações homem-mulher, adulto-criança, professora-estudante, governante-governados, branco-negro, são-doente...

A profecia de Oséias revela para as pessoas, em particular, o que significa viver sob as guerras e alianças de Israel com o Império Assírio (cf. Os 5,13; 7,11; 8,9), em um ir e vir sem rumo que foi corroendo as forças da nação até chegar ao seu final (cf. Os 5,12; 7,9; 8,8). Isso sem falar da violência que rasgou ventres de mulheres grávidas (cf. Os 14,1) e tirou a vida de crianças de peito (cf. Os 9,11-14).

Irmã Rosa, uma angolana, disse na 5ª edição do Fórum Social Mundial, em Porto Alegre: "Nasci e cresci no meio da guerra. É difícil falar de paz para quem nasceu e cresceu no meio da guerra. O povo africano é alegre, solidário e cheio de esperança. Angola, com 14 milhões de habitantes, enfrentou 40 anos de guerra, um verdadeiro deserto. O país ficou todo em fragmentos. Hoje está em processo de reconstrução. Angola produz 1 milhão de barris de petróleo por dia, é o quarto maior produtor de diamante do mundo; no entanto, é o segundo país em mortalidade infantil e, muitas vezes, os estudantes das escolas públicas têm que pagar aos professores para serem aprovados, pois o Estado não paga aos professores."

A biblista Tânia Mara, com fina sensibilidade e intuição feminista, nos diz que em Oséias "movimentos de corpos prostituídos abrem a profecia... movimentos de corpos em resistência atravessam a profecia... movimentos de corpos transgressores desafiam a leitura da profecia e proclamam novidades!"⁸ (cf. Os 1,2).

Gomer, a "esposa" de Oséias, é apresentada em Os 1,2 com um qualificativo plural: "mulher de prostituições". Esse detalhe impede-nos de enxergar Gomer como uma simples prostituta, mas aponta para a circunstância de prostituições na qual estava envolvida, dentro da estrutura familiar patriarcal. Um sistema político monárquico opressor gerava ou sustentava o patriarcalismo em todas as dimensões da vida.

⁸ Cf. SAMPAIO, TÂNIA MARA VIEIRA, "Oséias: uma outra profecia", em RIBLA 35/36, Ed. Vozes, Petrópolis, Ed. Sinodal, São Leopoldo, 2000, p. 157.

Prostituição, em Oséias, não é uma questão sexual-moral, mas uma questão de idolatria. Oséias não faz censura moral e muito menos é moralista. Não se refere a pessoas individualmente prostituídas, mas ao "país que foi prostituído".

O livro de Oséias não qualifica Gomer como prostituta. Afirma, ao contrário, que a "nação se prostituíu" (Os 1,2). Assim, a ênfase recai sobre a nação, e não sobre Gomer. Muitas outras mulheres se encontravam em situação parecida. Oséias 4,14 menciona que as filhas se prostituíam e as noras praticavam adultério nos tempos da colheita. Mas faz bem precisar que a prostituição em Oséias é "um dado de realidade que atinge o corpo de homens, mulheres, crianças e lhes expropria a vida. Mais do que isto, é fundamental identificar que as crescentes críticas ao longo da profecia dirigem-se não às mulheres, mas aos sacerdotes, aos reis e aos príncipes (cf. Os 5,1-2.4...)"⁹.

As crianças acabam sendo as maiores vítimas de uma "nação prostituída" (são filhos de prostituição, cf. Os 1,2; serão abandonados por seu pai, cf. Os 2,6; carregam em sua história de vida nomes negativos, cf. Os 1,4-9). Pelos nomes das crianças podemos entrever contundentes críticas à estrutura da Monarquia. Por exemplo, um dos filhos se chama *Lo-Ruhamah*. Esse é um nome hebraico, fruto de um verbo antecedido pela partícula de negação, que significa "não continuarei amando a casa de Israel". Outro filho se chama *Lo-Ammi*, que em hebraico é composto da partícula de negação, do substantivo

"Povo" e do pronome possessivo da primeira pessoa do singular. Logo a tradução melhor é "... não meu povo". Esse nome-expressão está em um contexto literário da profecia onde se quer dizer "vós não sois meu povo, e eu não aconteço para vós" (Os 1,4.5..6.9).

Prestem atenção no seguinte texto:

*"Efraim é como um pássaro,
a sua glória voará;*

não há mais nascimento, não há mais gravidez, não há mais concepção. Mesmo que eles criem seus filhos, eu os privarei deles antes que sejam homens. Efraim, quando eu o vi, era como Tiro, plantado em um prado; contudo,

Efraim deverá entregar seus filhos ao carrasco.

Dá-lhes, Iahweh (...). Que te darei?

Dá-lhes entranhas estéreis e seios secos"
(Os 9,11-14).

Estamos diante de um oráculo de condenação coletiva, permeado por sinais de resistência. Em muitos textos de Oséias, onde normalmente se vê ameaça e castigo divino, podemos entrever sinais de resistência, com mo(vi)mentos que transgridem a ordem exigida pelo sistema monárquico. Por exemplo, um corpo de mulher que não esteja mais pronto para a reprodução, que se negue à concepção, à gravidez, à gestação ou ao parto, e até mesmo uma criança nascida que não chegue a crescer constituem ameaça ao sistema monárquico e não castigo ao corpo da mulher ou ao povo. Das entranhas de

⁹ Cf. SAMPAIO, TÂNIA MARA VIEIRA, "Oséias: uma outra profecia", em RIBLA 35/36, Ed. Vozes, Petrópolis, Ed. Sinodal, São Leopoldo, 2000, p. 158.

Os 9,11-14 ecoam gritos por novas relações que não sejam as do sistema monárquico e as do patriarcalismo. O que à primeira vista pode parecer condenação pode sinalizar resistência frente à estrutura e às relações opressoras.

À pergunta de Deus: “Que te darei?”, a profecia responde: “entranhas estéreis, ventres que abortem e seios secos”. Dar a quem? A Efraim, isto é, ao reino de Israel. Logo, receber “entranhas estéreis e seios secos”, em primeira instância, não significa uma maldição contra Gomer ou contra as mulheres de forma individual. Trata-se, acima de tudo, de uma crítica ao sistema monárquico, que deseja somente o aumento de mão-de-obra barata, quer apenas seres humanos que possam ser reduzidos a mercadorias. “Isso não!”, brada a profecia de Oséias. Por trás da expressão de desabafos está uma veemente denúncia de quem não vê sentido em gerar filhos e filhas nem em alimentá-los, quando as condições da realidade não lhes possibilitam vida. Desejar e pedir a Deus que filhos não nasçam é fazer um pacto de protesto e de esperança.

Essa profecia revela a luta e a resistência de tantas mulheres, desde a época de Oséias até hoje. Quantos desabafos, como o descrito acima, não encontramos na boca das mães marginalizadas pelo Brasil afora! Por exemplo: Um dia, na favela Massari, no Parque Novo Mundo, na capital de São Paulo, traficantes estavam procurando o filho de Roseli. O menino tinha 12 anos. Queriam matá-lo, pois ele havia desrespeitado algumas das regras do tráfico de drogas. A mãe o havia escondido dentro da fossa, debaixo do assoalho do barraco. O filho estava lá atolado na fossa, pois os traficantes haviam cercado a favela e esta-

vam procurando-o em todos os cubicúlos. Roseli, mãe de quatro filhos, profundamente angustiada, desabafava: “Antes meu filho não tivesse nascido. Se ele tivesse morrido antes de nascer, agora não precisaria de eu sofrer tamanha dor, pois verei brevemente meu filho querido ser fuzilado pelos traficantes.”

7- Padre Alfredinho, um Oséias que viveu entre nós

Impossível saborear o sentido mais profundo da profecia de Oséias sem recordar, com saudade, Alfredo Kunz, o Padre Alfredinho, como era carinhosamente chamado. Em memória dele, e por sentir que o seu testemunho profético radical inspiramos para entendermos melhor a mensagem do livro de Oséias, recordamos abaixo um pouco de Padre Alfredinho.

Padre Alfredinho resolveu tornar-se padre operário depois de ter sobrevivido cinco anos nos campos de concentração nazistas da II Grande Guerra. Veio já como padre morar em Crateús, no Ceará, no meio das prostitutas, onde viveu mais de vinte anos. Ele fazia muito jejum e dizia: “precisamos adquirir resistências interiores para resistirmos às seduições da sociedade idôlatra.” É muito bom a gente treinar o controle sobre nossos desejos de comer. Com um jejum de nove dias, padre Alfredinho conseguiu criar o **PAF – Porta Aberta ao Faminto**. Dom Antônio Frago, um profeta ex-bispo de Crateús, comentou assim a criação do PAF: “*Foi uma inspiração. Quando, na seca violenta, o povo vinha para a cidade sem nada, queria pedir comida e trabalho. Eram considerados pelo exército, pelos comerciantes e pela polícia local invasores e inimigos. Al-*

fredinho disse: “invasores, não; são irmãos que precisam de nós”. Então sugeriu que se colocasse um cartaz nas casas escrito **PAF – Porta Aberta ao Faminto**, isto é, “você não são invasores”. Mais de 2 mil casas colocaram os cartazes e se tornaram acolhedoras dos pobres.”.

Padre Alfredinho escreveu vários livros, cada um mais profético do que o outro, entre os quais, “À sombra do Nabucodonosor”, “A espada de Gedeão”, “O cobrador” e “A burrinha de Balaão”. Nos seus últimos dias de vida, no meio do povo da rua da cidade de São Paulo, dizia que *a Eucaristia sem o pobre não é Eucaristia*. Transcrevemos abaixo um pequeno texto de um dos discípulos de Alfredinho, o biblista Eliseu Lopes:¹⁰

“Vera estava em Crateús, no Ceará, na casa de Dom Antônio Frágoso, o então bispo daquela diocese. Desejava conhecer o padre Alfredinho, de quem tanto se falava. Um dia, disseram-lhe que ele apareceria à tarde e já lhe deixara um convite para jantar com as “meninas”. Meninas? Vera imaginou tratar-se de algum orfanato de que ele cuidava. Caiu uma daquelas chuvas fortes e repentinas típicas do Nordeste. Lá pelas tantas, aparece aquele “tico de gente” que justificava o nome. Uma roupa comum de tecido grosso e uma sacola.

Convidou-a, e saíram pelas ruas, a altura de Vera contrastando com a pequena estatura de seu par. Muito popular, sobretudo entre as crianças, Alfredinho era uma festa e jogava o jogo de todos.

Aos poucos, iam deixando o bulício das ruas e seguindo para a periferia, um tanto desértica. Naquela tarde lavada, os horizontes se tingiam de vermelho. Já nas bordas da cidade, uma ladeira morro acima, onde ficava um pequeno conjunto de precárias casas geminadas que desembocava no horizonte avermelhado pelo sol agonizante. Alfredinho abriu a porta da terceira à esquerda. Um cômodo vazio, sem móvel algum, com um fogão de lenha crepitando a um canto. A sensação de Vera é a de que estava penetrando em um sacrário.

Alfredinho pediu-lhe que o esperasse enquanto ia dar uma volta. Vera sentou-se no batente que separava a “cozinha”, entregue a seus pensamentos e ruminando a conversa de durante o percurso. De repente, apareceu uma mulher que, sem a menor cerimônia, identificou-se e pediu a Vera que também se identificasse. Sem demora, foram aparecendo outras, e entabulou-se uma conversa muito original, em que cada uma contava um pouco de si. Era a “zona” ou o “ambiente” que Alfredinho chamava de “casas das meninas”, onde resolveu ter também a sua casa.”

Vale a pena conhecer a apresentação que Eliseu faz de Alfredinho:

“Nascido na Suíça, Alfredo Kunz, ainda menino, mudou-se com a família para uma cidade da França. Devia pertencer ao mundo operário porque foi militante da Juventude Operária Católica – JOC – em Paris. Quando a França foi invadida pelos nazistas nos primeiros anos da década de 40, foi

¹⁰ Falecido em 22/11/2002, Eliseu Lopes foi biblista do CEBI, após ser padre lazarista, depois dominicano. Enfrentou a ditadura militar. Foi perseguido. Foi agente de Pastoral, ao lado de Dom Tomás Balduino na diocese de Goiás, onde teceu uma aliança de amor com Vera, com a qual viveu muitos anos. Autor de muitos textos de interpretação bíblica.

levado para um campo de concentração na Alemanha. Com um grupo de companheiros, através de mil artimanhas, conseguia burlar a vigilância dos guardas para dar oportunidade de fuga a vários prisioneiros. Até que um dia, ele próprio conseguiu safar-se. Perseguido, por pouco não foi capturado. Ao final, alcançou território livre já dominado pelos Aliados. Gostava de recordar. Quando se sentiu livre, respirou fundo e, por questão de alguns segundos, teve uma sensação de plenitude, uma espécie de êxtase, sorvendo o gosto da liberdade como algo inebriante.

Ingressou na Congregação dos Filhos da Caridade e veio para o Brasil, sendo acolhido por Dom Antônio Fragoso, bispo de Crateús, no Ceará. Tomando a sério o voto de pobreza, resolveu vivê-lo efetivamente, assumindo a condição social do pobre.

Um dia, foi chamado para levar os “sacramentos” a uma enferma terminal na Zona de prostituição, onde aquelas mulheres viviam o último grau da decadência. Entrou no cubículo infecto onde a Teresinha estava apodrecendo. Dominando a náusea, aproximou-se do catre e ouviu sua confissão. E sussurrou-lhe aos ouvidos: “você é que devia me perdoar!” Prometeu voltar trazendo o Santíssimo Sacramento e pediu às colegas da Teresinha que preparassem o recinto. Ao voltar, encontrou o quarto varrido e limpo, a enferma asseada, com a melhor roupa, tudo bem arrumado, e até vela e flores.

Alfredinho contava que, na hora de dar-lhe a hóstia, Teresinha tinha o rosto transfigurado, e ele voltou a sentir a mesma plenitude que sentira na hora em que se sentiu livre. Para ele, Teresinha subiu diretamente para o céu, como a Teresinha de

Lisieux, e era a sua nova Teresinha do Menino Jesus.

Eis porque, para de certo modo “comemorá-la”, saiu da casa do Bispo, a quem pediu licença para morar na casa em que Teresinha viveu e morreu. Era a casa onde estava recebendo a visita de Vera. As “meninas” de que falava eram suas vizinhas.

Naquela conversa desconexa, as interlocutoras de Vera revelavam, sem pejo, os seus segredos mais íntimos. Vera soube, por exemplo, que algumas daquelas “meninas” tinham ido parar ali por obra de respeitáveis senhores da cidade, em cujas casas trabalhavam como domésticas. Soube também que Teresinha fora a primeira a tomar a iniciativa da solidariedade, do diálogo e da união entre elas. Talvez tenha lançado a semente do movimento Ninho para congregar as prostitutas na luta pelo resgate de sua dignidade como pessoas.

Alfredinho voltou, e ali estava reunida a sua “família”. No fogão, uma panela ou simplesmente uma vasilha onde as “meninas” iam depositando o que dispunham para o banquete. Uma delas trouxe uma toalha e estendeu-a no chão. Outra trouxe pratos e talheres, que colocou sobre a toalha.

Alfredinho pegou o pão, um pouco de vinho e celebrou a Eucaristia, sem paramentos, no seu ritual de vida. A lembrança daquela celebração naquele ambiente é dessas lembranças que ficam definitivamente cravadas no coração.”

Nesta história percebemos como Alfredinho é um Oséias que viveu entre nós. Nos corpos “das meninas”, o Padre Alfredinho, como Oséias, viu que a prostituição atinge toda a Sociedade. Ele rompeu barreiras, se fez solidário. Convivendo com as

“meninas”, no meio de corpos partidos e entregues, Alfredinho celebrou a Eucaristia. Ali corpos de Deus se encontravam clamando por libertação. Os respeitáveis senhores da cidade, tal qual os sacerdotes da época do profeta Oséias, sustentavam estruturas que geram a opressão que prosti-tui homens e mulheres. Santo Agostinho, ao partilhar a Eucaristia, dizia aos fiéis: “Tu és corpo de Cristo!”

8- Sacerdotes, os grandes culpados

O povo da profecia de Oséias percebe que os sacerdotes haviam se transformado em assassinos e se comportavam como bandidos em emboscada (Os 5,9). O povo percebe a ilusão que é acreditar no Império Assírio como caminho de salvação (Os 14,4). O povo cai na real e consegue ver que os reis e príncipes são insensatos, mentirosos e se matam por disputas internas (cf. Os 7,1-7) e por disputas políticas externas (cf. Os 5,1-15; 7,8-16; 8,8-14; 10,6-

15). Diante dessa dramática máfia religiosa e política, o povo, passando por um processo sofrido de conversão, conclui, voltando-se para o Deus Javé: “é em Ti que o órfão encontra misericórdia” (Os 14,4). A hipocrisia e o cinismo dos sacerdotes na condução do culto fazem o povo descobrir que o caminho para a libertação não passa pelos sacrifícios, mas pela misericórdia. A conclusão é: “Misericórdia, sim; sacrifício, não!” (Os 6,6).

A profecia de Oséias não tolera os pecados que estão desfigurando o povo. Quando ouvimos a palavra “pecado” quase automaticamente somos levados para o episódio bíblico da queda de Adão e Eva. Assim, fazemos uma separação entre pecado e história das sociedades. Fica parecendo que pecado é apenas uma ofensa a Deus, sem ter nenhuma relação com as relações humanas e históricas. Oséias ajuda-nos a perceber o “pecado” como vindo das entranhas das relações históricas.

“Gabaá” é mencionada de fato em Os 5,8; 9,9; e duas vezes em Os 10,9. Em todos os três textos existem elementos que permitem concluir que Oséias faz referência à história de Juízes 19 a 21. Note-se ainda que Gabaá, como nome de um lugar, só aparece em Oséias e em Is 10,29, na lista das populações que sucessivamente são capturadas pelo Império Assírio.

Logo, para entender bem os relatos proféticos de condenação, presentes no livro de Oséias, faz-se necessário compreender o que seja PECADO EM ISRAEL, precisamente na história de Israel. Em específico, para entender bem o capítulo 5 do livro de Oséias, é imprescindível conhecer o relato bíblico de Juízes 19 a 21. É o que se segue.

9- O pecado na história – Jz 19-21: O que é pecado em Israel?

Para uma melhor compreensão e acompanhamento da reflexão sobre o *pecado na história do povo da Bíblia*, sugerimos que, antes da leitura do texto abaixo, seja feita uma leitura atenta e meditativa de Juízes 19 a 21.

Em Gn 2,4b-3,24, com categorias míticas,

em uma perspectiva tradicional, temos a substância do pecado. O pecado do “casal primordial” aparecia como uma busca de sabedoria. Adão e Eva quiseram transgredir os limites próprios da sabedoria humana. O gênero literário do relato sobre Adão e Eva é uma etiologia meta-histórica, ou seja, uma tentativa simbólica de explicar as origens. Assim também os relatos de Caim, a queda dos anjos em Gn 6,1-4, o relato de Noé e o relato da confusão das línguas.

Juízes 19-21 aparece, ao contrário, não como etiologia meta-histórica, mas como um relato bastante preciso de um evento da antiga história de Israel. É uma narração cheia de ambigüidade e imprecisão, como costuma ser um relato de eventos de que a gente não fica sabendo bem se é lenda ou história. Há nesse relato uma vontade de se referir a fatos históricos, mas eles se transformaram também, em um certo grau, em eventos paradigmáticos – eventos que servem de exemplo –, pois podemos, a partir da meditação sobre eles, estabelecer que “coisa seja pecado em Israel”, e assim reconhecer os rastros de pecado em outros fatos.

Jz 19-21 é paradigmático pela sua estrutura, pelos seus motivos e pela sua linguagem. Além desses dados internos do texto, há o fato também de que os profetas o recordaram diversas vezes na sua atuação profética.

10- O relato de Jz 19-21

A história inclui três momentos distintos:

1. Insulto ao homem de Levi (um levita), motivo da guerra (Jz 19).
2. Os sucessivos episódios da guerra (Jz 20).
3. As medidas para evitar o desaparecimento da tribo de Benjamim (Jz 21).

O capítulo 19 de Juízes conta a história de um membro da tribo de Levi que percorre um longo caminho do “mais distante Norte” da Palestina até Belém de Judá, no sul, para repreender a sua concubina, fugida com um amante (uma espécie de antecipação de Gomer). É surpreendente a insistência do anfitrião, pai da concubina, que obriga o seu hóspede a adiar um dia a partida, e querendo adiá-la novamente. É um gesto de gratidão do dono de casa que reconhece a decisão do levita de repreender uma mulher infiel? Um sinal de particular bondade? Enfim, ambos, levita e mulher, com seus servos, começam a andar rumo ao distante Efraim (= Israel); evitam entrar em Jebus (= Jerusalém), porque é terra infiel, e param em Gabaá, no território de Benjamim. O levita aceita a hospitalidade de um ancião, também este de Efraim, residente em Benjamim.

Quando o povo do vilarejo quer violentar o estrangeiro – o relato nos recorda agora os episódios de Lot e Sodoma –, o dono da casa oferece a sua própria filha em troca da vida do hóspede; mas, finalmente, é o próprio levita que entrega a sua concubina à brutalidade dos habitantes de Gabaá. Eles abusam dela e a abandonam ao raiar do dia. A concubina consegue chegar até a porta de casa. O detalhe dramático é que ela tinha sua mão sobre a *soleira da porta* (Jz 19,26), sugerindo o seu esforço para entrar, com suas últimas forças, na casa. Mas ele também revela o descuido e a insensibilidade do marido, dos servos e do velho ancião dono da casa, os quais, no sono “tranquilo” da noite, não deram conta do retorno dela. De manhã cedo, o levita a encontra morta – como se saberá somente depois – na soleira da porta. Ele a

leva consigo para Efraim, e de lá envia seu corpo, despedaçado em doze partes, para todo o território de Israel (às 12 tribos?): macabra convocação para a vingança.

O capítulo 20 de Juizes relata como as tribos, reunidas em assembléia em Mispá em número de 400 mil soldados de infantaria, escutando o relato do levita, decidem punir Benjamim.¹¹ O primeiro procedimento é pedir à tribo de Benjamim que entregue os culpados de Gabaá (Jz 20,12-13), mas os benjaminitas se recusam e se preparam para a guerra. Eles podem contar com 26 mil soldados, entre

os quais um grupo de 700 atiradores (de arco; Jz 20,15-16).

A guerra se desenvolve em duas fases. A primeira batalha os benjaminitas vencem em dois dias sucessivos, matando ao todo 40 mil homens de Israel (cf. Jz 20,17-25). Isso acontece não obstante os israelitas terem pedido por duas vezes o parecer de Javé no santuário de Betel, e tendo recebido uma resposta encorajadora. No terceiro dia de batalha, depois de um novo pedido a Deus no santuário de Betel e após abundante choro, vencem os israelitas, assassinando 25 mil benjaminitas.

O relato dessa batalha de guerra se apresenta em duas versões sucessivas, quase paralelas (cf. Jz 20,29-37 e 20,38-46). Essa hipótese é necessária para fazer coincidir as cifras dos tombados com aquelas do exército (em cada uma das batalhas, se fossem duas, cairiam 25 mil homens, em diversas circunstâncias) e explica a semelhança das descrições. Na tribo de Benjamim restam somente 600 mil homens refugiados em Rimom durante quatro meses.

Para evitar o total desaparecimento da tribo, decide-se tomar mulheres para os benjaminitas. O capítulo 21 de Juizes relata os fatos também em duas versões quase paralelas (cf. Jz 21,6-14 e 21,15-23). A primeira identifica as mulheres como de Jabes de Galaad, que são trazidas a Siló e entregues aos benjaminitas, sem particular violência; a outra considera as mulheres originárias de Siló que são tomadas pelos benjaminitas.

Observando alguns detalhes do relato podemos deduzir que essa complexa história não é simplesmente um relato folclórico com algum pano de fundo político. Ela tem uma particular mensagem a trans-

mitir, e por isso se tornou paradigmática para o povo da Bíblia e, em particular, para o povo do Norte da Palestina. Por que as 11 tribos quiseram sofrer uma maciça derrota, perdendo no conjunto mais homens do que Benjamim, e isso apesar da aparente justiça de sua causa e da resposta obtida de Deus à pergunta feita no santuário de Betel? O caráter paradigmático do relato de Jz 19-21 será confirmado pelo uso que o profeta Oséias faz dele.

11- Oséias faz uma releitura de Jz 19-21

Como vimos acima, Gabaá é mencionada quatro vezes: Os 5,8; 9,9; e duas vezes

¹¹ A curiosa informação de Jz 20,10 – *um em dez; dez em cem; cem em mil, etc* – parece ser uma medida para providenciar a alimentação do exército.

em Os 10,9. Em todos os três textos existem elementos que permitem concluir que Oséias faz referência à história de Juízes 19 a 21. Trata-se, portanto, de uma autorizada interpretação. Os 5,8-15 começa aparentemente com uma exortação a tocar a trombeta em três lugares: Gabaá, Ramah, e Bet-Aven. Estes são os três lugares que têm o papel mais importante na história de Jz 19 a 21: Gabaá (de Benjamim), onde acontecem os fatos; Ramah, cidade benjaminita que se oferecia como alternativa para hospedar o levita; e Betel, lugar da consulta a Javé em Jz 20,(18.23)26.27 e Os 10,15.

Oséias recorda a narrativa de Jz 19 a 21, para exortar seus contemporâneos a compreender a guerra siro-efraimita, a evitar alianças espúrias e a não travar guerras. Oséias acaba advertindo: *"declarai guerra como no tempo da tribo de Benjamim, mas sabeis que deveis suportar as mesmas consequências"*. A profecia é, portanto, uma advertência do profeta em nome de Javé. Isso se torna claro em expressões, tais como "sobre vocês derramarei meu desdém" (Os 5,8-15b).

O pano de fundo do texto no tempo de Oséias é provavelmente uma questão política, na qual tanto Efraim como Judá estão implicados, e por isso acusados. As autoridades de Judá modificaram ilegalmente as fronteiras dos territórios (Os 5,10; cf. Dt 17,17; 19,14), estendendo o território de Judá.

A sentença contra Efraim é motivada pela sua decisão de "caminhar seguindo sua vaidade, os ídolos", isto é, segundo as próprias decisões e considerações políticas, que incluem a vontade de buscar apoio e ajuda de um país inimigo (Assíria). Aqui pode estar uma referência à antiga decisão de

Efraim (= Israel) de se separar de Judá, e portanto à sua história de inimizade contra o povo irmão. A separação gerou seqüelas que em nada ajudaram Judá e Efraim nas suas relações internas.

No quinto capítulo do livro de Oséias, há uma ênfase em dizer que a aliança com o Império Assírio seria inútil, pois "não pode curar a doença de Israel" (Os 5,12-14). Por quê? Porque o erro é mais do que político. Trata-se de uma infidelidade a Javé, o Deus solidário e libertador. Oséias não critica apenas as opressões econômico-políticas, mas de forma veemente denuncia os líderes religiosos que usam a religião para legitimar processos de opressão e discriminação.

"Tocai a trombeta em Gabaá, a tuba em Ramah, dai alarme em Bet-Áven, perseguem-te Benjamim," brada a profecia em Os 5,8. Segundo as normas apresentadas em Nm 10,1-10, a função de tocar trombetas é reservada aos sacerdotes. Logo, Os 5,8 seria uma exortação irônica, real ou imaginária, endereçada aos sacerdotes para convocar o povo a uma guerra de defesa das fronteiras. Benjamim é portanto uma atualização retórica. O profeta Oséias se volta aos sacerdotes como se estes representassem uma nova forma da tribo de Benjamim, responsável por aquela guerra fratricida dos tempos antigos.

Uma semelhante atualização retórica se encontra, por exemplo, em Is 1,10, que chama as autoridades e os habitantes de Jerusalém de "magistrados de Sodoma", "povo de Gomorra". É como se Oséias quisesse dizer: *"Ontem, eram os benjaminitas os promotores de guerra fratricida; hoje, são os sacerdotes"*. É provável que, em uma situação de conflito de fronteiras com Judá, os

sacerdotes tenham estimulado os políticos a buscar apoio do Império Assírio para desfazer-se, com sua ajuda, do irmão inimigo.

Os levitas, na sua origem, eram leigos. É difícil estabelecer a partir de qual momento os levitas passaram a ser considerados como personagens religiosos, pertencendo de algum modo à classe sacerdotal. Certamente no momento da redação final do livro do profeta Oséias e do livro dos Juízes já eram assim considerados. Logo, um levita, em Jz 19, é semelhante a um sacerdote, em Os 5,8-15. Tanto no tempo dos Juízes (Jz 19) como no tempo de Oséias (Os 5) são eles, um elemento religioso, que detonam uma “guerra” com uma infinidade de sofrimentos, injustiças e opressões.

Junto com a ação dos sacerdotes, Oséias condena a disputa interna entre irmãos e a busca de fáceis soluções político-militares. A progressiva reconciliação entre Efraim e Judá se apresentava, sem dúvida, como um processo muito mais longo e árduo, menos popular e de resultados igualmente incertos, se comparada a uma solução militar. Oséias denuncia esta postura favorável a soluções injustas e sanguinárias como crime contra a vontade de Javé. Logo, as imagens da doença e do leão que ruge exprimem que é Javé o último fundamento de tudo que acontecerá. Os crimes, pecados contra Javé, não podem ser dissociados da responsabilidade social e política. Não há uma dissociação entre trair o Deus solidário e libertador e trair as pessoas nas relações e estruturas sociais.

Oséias não considera a história de Juízes 19 a 21 como uma simples contraposição entre os culpados – Benjamim pela proteção dos malvados que tinham transgredido gravemente a lei da hospitalidade – e “os

justos”, isto é, as outras tribos, aliadas para punir Benjamim. A profecia de Oséias é bem mais radical, vai ao mais profundo das relações geradoras de opressão, que, muitas vezes, aparecem travestidas de boas relações, quando na verdade são “ovos de víbora”.

A culpa de Benjamim não é mencionada, conquanto provavelmente seja subentendida. Porém, os aspectos do conflito que têm maior interesse são a violência da intervenção armada e o risco do desaparecimento de Benjamim, por obra da coalizão das outras tribos. Oséias faz uma comparação entre a Israel de seu tempo e Benjamim antigo. Israel/Efraim busca aliar-se aos poderosos da Terra – Assíria –, por meio de submissão e tratados. É provável que Oséias, nesta comparação, preveja uma repetição dos fatos antigos: uma coalizão poderosa para destruir Judá ou outros reinos menores. Aqui está a sabedoria de Oséias (e de seus discípulos ao registrar esta profecia), que, olhando no retrovisor da história, analisando criticamente os acontecimentos conflituosos do presente, consegue ser criativo e sugerir pistas para caminhar conforme a vontade de Javé, não repetindo os erros do passado, discernindo bem frente aos desafios do presente e assumindo posturas libertadoras.

Não escapou a Oséias na meditação sobre Juízes 19 a 21 a dupla derrota da coalizão na luta contra Benjamim, apesar da consulta a Javé e dos oráculos recebidos antes de chegar à vitória final. É difícil imaginar e aceitar que, mesmo nos tempos de fogo e ferro do livro dos Juízes, uma infração privada à lei da hospitalidade justificasse a reação de um exército de 400 mil soldados. Oséias se distancia das versões oficiais dos fatos e condena o que

outros tinham, possivelmente, aplaudido como uma justificada cruzada contra o infiel, em nome de Javé. Oséias percebeu que os bens colocados em perigo com a punição de Benjamim eram desproporcionalmente mais importantes que a pretensa punição exemplar de uma das tribos em nome da justiça.

12- O pecado na história de Israel, segundo Oséias

A palavra chave Gabaá colocou diante dos nossos olhos o primeiro confronto sangüinário entre as tribos de Israel, já na terra prometida. Nesse evento, Oséias leu a história de Israel como uma história de infidelidade a partir das origens. É interessante notar como o livro de Oséias enfatiza tanto as tradições pecaminosas de Israel, dedicando, ao invés, um reduzido espaço e interesse às tradições do Êxodo. É provável que Oséias queira evitar que o povo se refugie na segurança da lembrança de uma libertação gloriosa.

Não interessa a Oséias, na história de Gabaá, a traição da concubina do levita, nem a falta de hospitalidade dos benjaminitas, nem a intenção de sodomização¹², nem a dureza de coração do levita em relação à sua concubina, nem a incapacidade de Benjamim de julgar os culpados. *Oséias reage, pelo contrário, contra a imagem de um Deus institucionalizado que se coloca à disposição de um grupo detentor do poder. Deus, para Oséias, não é o motor de uma*

história que pode ser compreendida e controlada pelos poderosos. Oséias não aceita sacralizar nem mistificar a história, encobrindo as causas que provocam opressões.

Por duas vezes eles consultam Javé sobre os resultados da próxima batalha. Javé, de forma irônica, diz: "continuem", mas eles não percebem a ironia contida na resposta de Deus. Javé não quer dar simplesmente seu apoio a um grupo que se pretende justo na posição de punir um outro grupo. O Deus Javé não se deixa manipular, não aceita ser sacralizado, nem domesticado. Isso é claro para o profeta Oséias. Por isso Oséias é um profeta essencialmente anti-idolátrico. É contra toda e qualquer idolatria. Defende a imagem de um Deus não religioso, um Deus que não se deixa enquadrar em teologias que são mais ideologias que palavras de fé libertadora.

O desejo de Israel quando se apresenta no santuário de Betel para interrogar Deus parece ser um deus disponível como Baal, disposto a trocar seus favores pelo benefício do culto. Provavelmente sobre essa base Oséias elaborou uma minuciosa crítica aos sacerdotes que, por sua mentalidade e prática, afirmam: "*Deus, te conhecemos (Os 8,2), sabemos o que te agrada, e como podemos comprar teus favores.*". A esse tipo de sacerdote, o profeta, em nome de Javé, responde indignado: "*buscá-lo-ão com seus sacrifícios, suas ovelhas e seus bois, mas não o encontrarão (Os 5,6). Suas culpas não permitem que voltem rumo ao seu Deus*" (Os 5,4).

¹² Sodomia quer dizer "coito anal entre indivíduos do sexo masculino ou entre um homem e uma mulher" (dicionário Houaiss). A palavra vem "de Sodoma, cidade bíblica em que tal prática foi referida" (dic.Houaiss)..Os habitantes da cidade queriam manter relações sexuais com o estrangeiro que acabava de chegar. Isso como nos apresenta o texto na sua superfície. Se observarmos bem o grande pecado da cidade de Sodoma não se tratava de relações sexuais heterodoxas, mas de opressão.

Oséias interpretou os eventos de Gabaá como uma forte polêmica contra a manipulação religiosa de Javé. Essa interpretação de Oséias implica a dessacralização do poder. O poder político não pode ser sagrado, exercido em nome de Deus. Essa afirmação não supõe uma interpretação muito “moderna” ou “intelectual” dos textos. Basta recordar outros aspectos da profecia de Oséias que poderiam parecer “modernos” e incompreensíveis aos contemporâneos do profeta. Por exemplo, a crítica ao patriarca Jacó (Os 12), o anúncio do fim da predileção de Javé por Efraim (Os 11), o desaparecimento da monarquia (Os 13). Nenhuma instituição foge à condenação de Oséias: rei ou funcionários, sacerdotes ou profetas.

Dessacralizar o poder significa romper um vínculo aparentemente necessário e habitualmente considerado como necessário entre poder e justiça, entre posição de comando e “ter razão”. Na profecia de Oséias se nega um fundamento de estabilidade e imutabilidade às instituições. Nem a divindade nem qualquer religião dão essa segurança às instituições, segundo Oséias.

Com a dessacralização do poder, Oséias convida o povo a eliminar a mentalidade de que Deus premia ou pune o que o ser humano faz. O povo é desafiado a fazer uma leitura “racional” da história, superando uma leitura mítica. O relato mítico tenta estabelecer a relação entre uma série de ações humanas, vendo-as sempre orientadas a um fim determinado por Deus. Mas a liberdade humana bagunça essa suposta ordem e o encadeamento das ações ou omissões humanas.

Oséias leva adiante na sua profecia a vontade de purificar a religiosidade nos seus aspectos mítico e cultural. Logo, a ori-

gem do pecado não está em relatos míticos, tal como “a queda de Eva e Adão” (Gn 2,4b-3,24), mas em fatos verdadeiramente representativos e concretos, como aqueles de Gabaá (Jz 19-21). Para Oséias, somente nas ações se refletem as verdadeiras motivações e intenções. As chamadas “intenções”, quando não chegam aos fatos, nada mais são do que engano. Poderíamos dizer no espírito de Oséias: mostra-me tuas ações que direi quais são tuas reais intenções. Como diz o povo, “o inferno está cheio de bem-intencionados”.

O crime evidente da tribo de Benjamim, como relatado em Juízes 19 a 21, merecia, talvez, uma punição. Mas isso não justificava todo e qualquer tipo de violência contra os benjaminitas. Nem a derrota de Benjamim garantia que a guerra fosse justa. Oséias não cai na armadilha da lógica mundana que atribui razão ao vencedor.

O único caminho para descobrir o pecado e a justiça e, portanto, o juízo divino na história vivida é uma corajosa meditação sobre a totalidade dos eventos e das conseqüências. Não há outro caminho para definir o que é pecado. Nem um oráculo caído do céu, nem mesmo uma hipotética inspiração divina recebida no silêncio da oração nos dão a garantia que a Palavra de Deus está presente, mas somente o respeito pela estrutura própria dos fatos históricos, com todas as suas implicações e os seus resultados.

13- Um Deus só Misericórdia

Oséias é radicalmente contra não somente os sacrifícios, mas contra todo e qualquer sacrificalismo. Sacrifício é fazer sagrado algo que é profano. O desfecho da profecia de Oséias reconhece Deus como

sendo só misericórdia. *"Misericórdia que-ro; sacrifício, não."* (Os 6,6). Javé, segundo Oséias, é misericordioso. Mas o que é ser misericordioso? Não é apenas ser compassivo. A compaixão move o coração e aciona as mãos para a prática da misericórdia: solidariedade efetiva. Isso é misericórdia; *hesed*, em hebraico.

A partir da compaixão, a dor do outro entra pelos nossos olhos e invade todo o nosso corpo. Penetra nas nossas entranhas, em nosso coração, revolvendo-o. Revira o corpo por dentro. Quem está comovido se entrega ao outro, não o agriete. Sentir compaixão é associar-se à dor do outro partilhando-a e, deste modo, diminuindo-a. A dor sentida pela pessoa excluída pode ser suavizada pelo odor da companhia de uma pessoa misericordiosa. Segundo o Dalai Lama, compaixão é admitir que a vida do outro é mais importante do que a nossa própria vida; é orientar a vida a partir do outro que sofre. O outro que sofre se torna um absoluto na nossa vida. A compaixão provoca aproximação da pessoa sofredora, gera doação gradativamente ao outro, cria proximidade que configura o encontro face a face, o encontro do EU-TU. Foi assim que aconteceu com Moisés na sarça ardente (Ex 3,1-6). Jó, depois de passar por um processo dolorido de revisão da sua experiência de Deus, chega à conclusão que *"antes eu Te conhecia somente por ouvir dizer, mas agora meus OLHOS Te vêem"* (Jó 42,5). Mas o encontro face a face com Deus se dá no encontro face a face com o outro, principalmente com o outro que está excluído, substituído.

O profeta Oséias, ao enfrentar a "sarça ardente" da idolatria reinante, sob a batuta dos sacerdotes, reis e aiaíes de Baal, terminou empreendendo uma nova experiência de Javé, como, sumamente, mise-

ricórdia. Eis um exemplo: uma religiosa desejava viver a contemplação no meio do povo excluído da periferia de Vitória da Conquista/BA. Ela decidiu rezar com o povo aflito da sua vizinhança. Um dia, enquanto visitava as famílias nos seus casebres, percebendo que muitas mães davam água com sal para tentar consolar os filhos que choravam pedindo alimento, a religiosa perguntou para uma mãe: *"Por que você vendeu todas as camas, cadeiras e móveis da casa?"*. A mãe respondeu: *"Irmã, a senhora nunca vai conseguir entender o que significa uma mãe ver o filho chorar gritando que está com fome e não ter alimento para dar para o filho. Vendi todos os móveis, um a um, para comprar pão para meus sete filhos. Frio até que a gente agüenta, mas passar fome e ver os filhos pedirem alimento é ser cortada por dentro; mata a gente aos poucos. Nós, mães, não somos de ferro. Somos de carne e osso e amamos os nossos filhos."*

As entranhas comovidas dessa mãe são uma faísca das entranhas contorcidas de um Deus que é só amor, reveladas na profecia de Oséias (Os 11,8).

14- "E agora, José?"

Hoje, de forma disfarçada, a indústria do sacrifício e da idolatria, denunciada com ira profética por Oséias, está funcionando a todo vapor em realidades tais como o agronegócio, a mineração predadora, o neoliberalismo religioso e o neoliberalismo político.

No agronegócio

Trata-se de sistemas de produção em grande escala: soja, café, feijão, cacau, algodão, laranja, cana-de-açúcar, eucalipto

e carne, em grandes propriedades, voltada para exportação, com alta tecnologia e com uso indiscriminado de agrotóxicos e herbicidas. Às vezes, faz uso de trabalho escravo. Uma grave consequência da alta tecnologia usada é a devastação ecológica em progressão geométrica. Objetiva produzir dólares e mais dólares, lucrar e lucrar. Alia altíssimo poder econômico ao “lobby” político. A monocultura da soja, além de induzir a queimadas e à devastação do cerrado e da floresta amazônica, está gerando uma “sojeira social” muito grande. O cerrado brasileiro está com uma taxa anual de desmatamento de 1,5%, ou, se preferirem, 7,3 mil hectares por dia. Esgota recursos naturais, extingue biomas¹³ inteiros.

No Brasil, na safra agrícola de 2003/2004, a pequena propriedade¹⁴ teve acesso a 3 bilhões de reais. Enquanto isso, médias e grandes propriedades utilizaram 24 bilhões de reais do Banco do Brasil. E o que é pior, apenas dez empresas transnacionais ligadas ao agronegócio pegaram no Banco do Brasil 4 bilhões de reais – dinheiro público, brasileiro. Dez empresas transnacionais acessaram mais crédito do que todas as 4 milhões de famílias de pequenos agricultores. Enfim, os protagonistas e apoiadores do agronegócio estão promovendo uma grande substituição da natureza e do povo, pois, cada dia mais, enfiam a espada na gar-

ganta das águas, nas entranchas da terra e no coração dos seus filhos e filhas.

Na mineração

Esta polui as nascentes d’água, envenena os córregos e rios, arrebenta o útero da mãe Terra: os lençóis freáticos¹⁵. Tudo isso para lucrar, lucrar e lucrar. Veja o exemplo da Mina de Capão Xavier. Em 2004, a mineradora MBR – Minerações Brasileiras Reunidas S/A –, após um processo de licenciamento viciado¹⁶, atropelando uma série de leis ambientais, ameaçando mananciais de abastecimento público, começou a explorar 173 milhões de toneladas de minério de ferro de alto teor em Capão Xavier, região do Jardim Canadá, em Nova Lima/MG, o que se estenderá por 22 anos. O grande problema é que a Mina de Capão Xavier está sobre um grande aquífero – Ribeirões de Fechos, Catarina, Mutuca e Barreiro –, que abastece 320 mil pessoas, 9% da população de Belo Horizonte e 7% da população da região metropolitana. Além do aquífero, a região possui uma rica biodiversidade: animais, flora, espécies endêmicas – como é o caso de um microcrustáceo com 500 milhões de anos – uma espécie endêmica –, um verdadeiro fóssil vivo. Na área da mina havia também grutas de rara formação, com 20 metros de profundidade, como a de Capão Xavier.

¹³ Bioma quer dizer “grande comunidade estável e desenvolvida, adaptada às condições ecológicas de uma certa região, e geralmente caracterizada por um tipo principal de vegetação, como, p.ex., a floresta temperada;” Dicionário Houaiss.

¹⁴ Aquela da Agricultura Familiar, a que compreende, no máximo, 200 hectares de extensão.

¹⁵ Lençol freático é “lençol de água subterrâneo situado em nível pouco profundo e explorado por poços artesanais.” Dicionário Houaiss.

¹⁶ Tese defendida por duas Ações Populares, uma impetrada na Justiça de Minas Gerais e outra, na Justiça Federal, e por uma Cível Pública no Ministério Público de Minas Gerais assinada por cinco promotores defensores do Meio Ambiente e do Patrimônio Público. Bem como diversas representações protocolizadas nos próprios órgãos ambientais, COPAM e FEAM.

Dentre as 3.500 grutas cadastradas no Brasil, existem somente seis semelhantes a ela. Os estudos de impacto ambiental afirmam que a mineração em Capão Xavier, com o rebaixamento do lençol freático, provocará um grande estrago nos mananciais ali existentes, reduzindo em até 40% o nível das vazões dos córregos por eles alimentados. Nesse caso concreto, a questão que está posta é: mineração ou água? Trata-se de uma escolha: água para consumo humano, para a flora e a fauna e para assegurar o abastecimento das futuras gerações, ou 173 milhões de toneladas de ferro de alto teor – 6,5 bilhões de reais – para a MBR (Vale do Rio Doce e seus acionistas). Em Capão Xavier, o que deve prevalecer: o interesse público ou o privado? Mineração em cima de mananciais de abastecimento público configura ação idolátrica. As autoridades públicas (Poderes Executivo estadual, Legislativo e Judiciário), que têm o dever de cuidar do interesse público, preferiram adorar o capital ao aprovarem um projeto como esse. segundo Oséias, isso é, sem dúvida, idolatria.

No neoliberalismo religioso

Idolatria não é só “venerar uma imagem de barro de um santo ou santa”. Muitas vezes, as idolatrias que bestializam as pessoas aparecem travestidas de grandes religiosidades e se revestem de uma aura de incontestabilidade. Ser cristão implica ser anticapitalista, anti-neoliberal, mas muitas vezes as expressões religiosas cristãs são domesticadas e esterilizadas pelos sistemas – políticos, econômicos e culturais –, que são, na essência, pagãos.

No pontificado de João Paulo II, iniciado em 1978, começaram a soprar, a partir de

uma equipe conservadora próxima ao Papa, ventos contrários à caminhada de libertação integral com opção pelos pobres. Iniciou-se um longo inverno para a Igreja “Povo de Deus”, para as Comunidades Eclesiais de Base – CEBs – e para os Frades e as Irmãs, que foram chamados a se enquadrar na lógica da Igreja-instituição. Ao mesmo tempo, alguns setores da Igreja estão divulgando pelo mundo afora, com o neoliberalismo político e com a globocolonização da economia, um “**neoliberalismo religioso**”, um projeto de pensamento único, que visa inibir toda a beleza da diversidade das igrejas locais, as quais costuram unidade em um grande pluralismo. Há representantes “de lá e de cá” implementando práticas conservadoras, o que, na prática, contradiz o Espírito do Concílio Vaticano II. Promove-se o esvaziamento de temas importantes como Igreja-Povo de Deus, ecumenismo, inculturação, a legítima autonomia das igrejas locais, etc. As CEBs, de uma forma velada e dissimulada, são incompreendidas e, às vezes, atacadas ou manipuladas por setores da hierarquia católica e por movimentos católicos transnacionais (como Opus Dei, Comunhão e Libertação, Movimento Carismático, Neocatecumenato e outros). Lançam suspeitas de politização e marxização da fé cristã. No entanto, não percebem a capitalização da fé cristã que, muitas vezes, acaba acontecendo em grupos que não aceitam uma interpretação bíblica libertadora com uma exegese bem fundamentada. Aceitam apenas leituras bíblicas que satisfaçam os próprios interesses para justificação de posturas suspeitas evangelicamente.

Além da Igreja Católica, em outras Igrejas Cristãs, (neo)pentecostais em sua maioria, em agremiações religiosas dos mais di-

ferentes matizes, vivemos tempos de fundamentalismos, de céus povoados de anjos e entidades, de demônios por todos os lados, de gritaria de deuses, de promessas, de busca insaciável de bênçãos, de procissões, de peregrinações, de necessidade de expiação, de moralismos, de religiões sem Deus, de salvação sem escatologia, de cristianismos *light*, de libertações que não vão muito além da auto-estima. Sem dúvida alguma, a profecia de Oséias denuncia tudo isso como “prostituição” e nos convida a recriar nossas relações – entre nós mesmos e com um Deus que é somente amor.

O neoliberalismo político

Idolatria está também nos golpes de Estado (Os 7,3-7) que são dados por “liberta-

dores do povo” no passado, os quais no presente, após assumirem cargos políticos, econômicos ou religiosos, passam, na prática, para o lado da elite opressora. Traem a esperança que os pobres depositaram neles. Ao invés de promover a força espiritual dos pobres, atuam anestesiando-os ou amortecendo seus clamores por justiça.

O autor é Religioso carmelita, mestre em Exegese Bíblica pelo Pontifício Instituto Bíblico de Roma. É professor de Exegese e Teologia Bíblica no ISTA/BH, assessor de CEBs, CEBI, CPT, SAB e MST. Autor dos livros *Compaixão-Misericórdia, uma espiritualidade que humaniza*, Ed. Paulinas, São Paulo, 1996 e *Lucas e Atos: uma teologia da história*, Ed. Paulinas, São Paulo, 2004. Autor de muitos artigos.

Endereço do autor:

Rua Grão Mogol, 502 – Carmo Sion

30310-010 BELO HORIZONTE – MG

E-mail: gilvander@veloxmail.com.br

QUESTÕES PARA AJUDAR A LEITURA INDIVIDUAL OU O DEBATE EM COMUNIDADE

- 1- Na sua apreciação, quais são os principais elementos da profecia do livro de Oséias?
- 2- Em que sentido se pode afirmar que Oséias fez uma releitura de Juízes, 19-21?
- 3- No seu contexto, o que significa fazer uma releitura de Oséias hoje?
- 4- Você acredita que o conteúdo principal das profecias de Oséias pode questionar a Vida Religiosa hoje? Por que?

“Textos proféticos são textos ricos em simbologia visando orientar o comportamento; são textos literários e, como tais, devem ser interpretados.”

Encontro entre homem e mulher como espaço de mútuo enriquecimento

– Resgate de encontros numa perspectiva bíblica de gênero –¹

LÚCIA WEILER, DP

“Encontro”, não é um tema teórico mas uma experiência existencial. É uma dinâmica, uma inerente à própria vida em todas as suas dimensões e formas. O encontro entre homem e mulher, é uma das condições básicas inerentes ao sadio desenvolvimento da vida humana. A proposta desta reflexão, a partir do título, caracteriza o “encontro”, na sua dimensão positiva, como “mútuo enriquecimento entre homem e mulher”. Esta caracterização supõe a existência de relações conflituosas entre homem e mulher. Certamente cada uma de nós já teve em sua vida experiências de encontros e de des-encontros. Todo encontro ou des-encontro pessoal, não atinge apenas a relação dual, mas amplia-se e atinge o ambiente comunitário, social e cósmico. Esta breve reflexão privilegia um olhar bíblico, sobre “o encontro” como espaço de mútuo enriquecimento homem – mulher”.

Um dos eixos principais que atravessam nossa reflexão é a valorização e a articulação das diferenças como condição para todo encontro verdadeiramente hu-

mano. Uma compreensão igualitária, não homogênea ou niveladora, das diferenças ajuda-nos a superar modelos patriarcais de vida religiosa, de sociedade e de igreja, que ainda persistem. Não apenas continuam, mas emergem hoje com novo vigor, sobretudo a partir de alguns setores sociais e eclesiais.²

A opção por um itinerário simples de reflexão, tem por objetivo que cada leitora ou leitor se sinta incluído, sujeito partícipe da mesma, podendo discordar, concordar, ampliar e rever as práticas a partir de sua experiência neste tema, que é “muito nosso”, mulheres e homens, vocacionados para a vida e a liberdade. Certamente cada qual terá uma experiência diferente e por isso mesmo uma riqueza própria para contribuir.

Iniciamos perguntando pelas características de um verdadeiro “encontro”, num sentido experiencial – humano e antropológico – bíblico. A seguir contemplamos alguns ícones de encontros de Jesus com mulheres e outras pessoas, nas narrativas evangélicas. Todos os encontros com Jesus, podem ser profundamente revolucio-

¹ Este artigo foi publicado na revista Testimonio: “El encuentro fruto de la diversidad”, 205, Septiembre – Octubre 2004, Santiago do Chile, p. 17-33.

² Recentemente (18 a 20 de setembro de 2004) tivemos em São Leopoldo – RS – Brasil, o primeiro Congresso Latino-Americano de Gênero e Religião, com três eixos temáticos: corporeidade, etnia, masculinidade. Percebeu-se a importância de um olhar capaz de o entrelaçar as atuais questões de Gênero, Feministas e Religião ou melhor Religiões.

nários e transgressores, dentro do seu tempo e, por isso mesmo, libertadores e de grande enriquecimento mútuo.

Finalmente, convidamos a leitora e o leitor a continuar a reflexão, abrindo a janela das primeiras comunidades cristãs testemunhadas pelos Atos dos Apóstolos e especialmente por Paulo.

Todo encontro verdadeiro deixa marcas transformadoras e libertadoras

Quando podemos falar de um verdadeiro encontro? Esta pergunta inicial quer ser um convite para fazermos uma retrospectiva, contemplando a própria história pessoal, principalmente, marcos significativos que ficaram registrados quais rastros na trajetória de nossa vida. Encontro é algo que fica na memória, que muda rumos e que nos faz ser assim como somos. O verdadeiro encontro sempre deixa marcas, cria laços e nos transforma.

Quem de nós não lembra a belíssima parábola humana do Pequeno Príncipe de Saint Exupéry? Sua grande busca era marcada por um grande anseio, o desejo de encontrar alguém com quem pudesse estabelecer uma relação de reciprocidade, de amizade, na qual um tem necessidade do outro, sem criar dependências ou dominações. Este anseio e este desejo profundo existe em cada pessoa humana, por isso o Pequeno Príncipe se converte numa das mais lindas e clássicas parábolas humanas.

O encontro leva a um relacionamento de amizade. Amizade que precisa ser buscada, desejada e cultivada. Os seres hu-

manos têm pressa e compram tudo prontinho nas lojas, diz a parábola humana de Saint Exupéry: *“Os homens não têm mais tempo de conhecer coisa alguma. Compram tudo prontinho nas lojas. Mas, como não existem lojas de amigos, os homens não têm mais amigos”*. Entre as muitas e sábias condições para o encontro que leva a um enriquecimento mútuo e pode levar a uma amizade, expressas por Exupéry estão ainda o “olhar” e “e a gratuidade do tempo”. *“Só se vê bem com o coração!” “Foi o tempo que gastei (perdi) com a minha rosa, que tornou a minha rosa tão importante!”*³

Na mesma lógica da gratuidade podemos entender o mistério do encontro de Deus com a pessoa humana. A encarnação de Jesus, o filho de Deus, é mais que uma encarnação abstrata na história humana. Deus se encarna no ventre de uma mulher e isto significa ele se torna pessoa humana: *“Estive com fome e me destes de comer, com sede e me destes de beber, eu era estrangeiro e me acolhestes em casa, eu estava sem roupa e me vestistes, estava doente e vocês foram me visitar”* (Mt 25,35-36). Diante da pergunta cheia de surpresa e perplexidade: *“Quando?”* (Mt 25,37-39), Jesus dá um critério fundamental: *“Em verdade, em verdade eu vos digo: todas as vezes que vocês fizeram isso a um dos menores de meus irmãos, de minhas irmãs, foi a mim que o fizeram”* (Mt 25,40).

A partir deste evento encarnatório, o encontro primigêneo e fontal da divindade com a humanidade, superam-se quaisquer barreiras de gênero, etnia, raça, clas-

³ Saint EXUPÉRY, *O pequeno príncipe*.

se, religião, ou tantas outras que, conscientemente ou inconscientemente, fomos construindo. A Teologia procura explicar esta verdade de nossa fé, de muitas maneiras, apelando para a dimensão quenótica (Fl 2,5-11) de um Deus que se esvazia e despoja de sua condição divina para assumir nossa condição humana. Porém, nenhuma reflexão teológica sistemática, ou dogmática, consegue dar conta de explicar este mistério, que é o próprio mistério do encontro da divindade com a humanidade. Para compreender o alcance do mistério precisamos recorrer às narrativas, às parábolas e às metáforas.⁴

A encarnação de Deus é a manifestação da vida em toda sua plenitude (Jo 1,1-18; 10,10) e a proclamação da liberdade e da igualdade potencial de todas as relações. Concluir que, pelo fato de Jesus ter assumido um corpo masculino, somente o gênero masculino pode representar a divindade é um erro que fere a teologia da encarnação. É no mínimo um pecado contra o Espírito Santo, que cria homens e mulheres à imagem e semelhança de Deus (Gn 1,27).

Apesar de conhecermos muitas hermenêuticas e interpretações equivocadas dentro, ou a partir dos textos bíblicos, vemos que nada legitima uma superposição e dominação do homem sobre a mulher, ou da mulher sobre o homem. Os critérios da antropologia teológica – bíblica – cristã alertam para uma verdade fundamental: A partir da encarnação da vida de Deus na vida humana, só podemos falar em verdadeiro encontro se ele for profundamente humano, porque profundamente divi-

no. É isto que dizia o Papa Leão Magno: *“Jesus foi tão humano, mas tão humano, que somente um Deus poderia ser humano assim.”*

As perguntas que acompanham a humanidade desde o Gênesis: “Onde estás?”... “Onde está teu irmão, tua irmã?”, são perguntas que funcionam como despertador e às vezes terapia de choque: querem acordar-nos para a volta à origem, aos encontros que humanizam porque divinizam.

Há encontros e encontros. Nunca um é igual ao outro. Alguns acontecem de surpresa e geram uma empatia e sinergia, entre duas ou mais pessoas, quase instantânea. Outros supõem um breve ou longo processo de aproximação mútua. De qualquer maneira sempre é preciso deixar que algo aconteça, em nós mesmos, para que o encontro seja de fato transformador. Às vezes o encontro se dá a partir de uma presença silenciosa, acolhedora, solidária de escuta junto ao outro e à outra. Novamente o Pequeno Príncipe e sua Raposa tem uma palavra sábia para nos dizer: “As palavras são fontes de mal-entendidos.” Por isso a Raposa sugere o rito de sentar-se cada dia mais perto um do outro, sem dizer nada, apenas olhar e acolher. Assim é a experiência dos encontros humanos. Assim é a experiência dos encontros com Jesus narrados nos quatro evangelhos.

Encontros com Jesus, nas narrativas dos quatro evangelhos

Encontros que transformam e libertam a pessoa humana na sua integralidade, independente de gênero, classe, condição social, podem ser profunda-

⁴ HICK, John. *A metáfora do Deus encarnado*. Petrópolis: Vozes, 2000.

mente revolucionários e geralmente transgridem a ordem e os costumes estabelecidos. Para contemplar os encontros de Jesus destacamos uma pérola em cada um dos quatro evangelhos. São ícones que nos ajudam a pensar.

Escolhemos do Evangelho segundo Marcos (5,25-37) e segundo Lucas (7,36-50) dois relatos que podem ser considerados paradigmáticos, porque apresentam mulheres e homens aproximando-se de Jesus, com diferentes motivações e maneiras até contrastantes, como veremos, mas sendo chamados a viver a experiência de um verdadeiro ENCONTRO. Porém, só é possível encontrar o Outro, quem se encontrou consigo mesmo em sua verdade mais profunda. As mulheres nestes dois relatos permanecem mudas e são anônimas, por isso lhes daremos um espaço maior de escuta, nesta reflexão.

Olhando para os Evangelhos de Mateus (15,21-28) e João (4,4-42), a opção teve como critério estabelecer uma diferença com Marcos e Lucas. Aqui as mulheres, embora não tenham nome, são designadas pela sua cultura, pelo povo ao qual pertencem (mulher cananéia) e (mulher samaritana). São mulheres que se aproximam de Jesus e sabem o que querem, dialogam e provocam conversão e libertação de ambas as partes. Abordaremos estas duas cenas mais brevemente, porque já mais conhecidas e valorizadas na temática proposta.

Um encontro libertador, narrado como texto “interruptor” e “transgressor” (Mc 5, 25-34)

Sem a preocupação de explorar a cena em seus detalhes exegéticos e hermenêuticos,⁵ proponho que olhemos para a situação desta mulher estigmatizada em seu corpo por sua condição de impura e depois escutemos sua fala, que foi silenciada pelo redator.

Ora, sabemos que “as leis de Israel e as tradições judaicas colocavam o homem numa posição nitidamente superior à da mulher. Pelo simples fato de *nascer* homem ou mulher, a pessoa já tinha decretado o grau de sua dignidade – ou indignidade – na vida social e religiosa”⁶.

Entre as muitas formas de discriminação, para entender a situação da mulher podemos lembrar algumas passagens do Levítico: a mãe se tornava impura por 40 dias após o parto quando o filho era um menino e por 80 dias quando era menina (Lv 12,2-8). As leis relativas à menstruação (Lv 15,19-24) e a hemorragias (Lv 15,25-30) sublinhavam a construção social negativa sobre a mulher.

Além disso, toda enfermidade em Israel tornava impuro seu portador ou portadora, o que acrescentava mais um dado negativo contra a mulher sofrendo há doze anos sofria de hemorragia e que foi buscar em Jesus sua última oportunidade de cura.

Considerando o texto completo (Mc 5,21-43) vemos que Jesus é interrompido

⁵ Ver o rico artigo de Tereza CAVALCANTI, “*Tecendo novas relações humanas*” escrito com muita arte, rigor científico sem perder a ternura e a sabedoria próprias da autora. Publicado na série *A Palavra na Vida* (200) CEBI, 2004.

⁶ Idem: É conhecida a oração do rabi Ben Jehuda (séc. 11 dC), que todo homem israelita devia rezar a Yahweh três vezes ao dia: “*Louvado sejas por não me ter feito gentio! Louvado sejas por não me ter feito mulher! Louvado sejas por não me ter feito ignorante!*”

em sua caminhada para a casa de Jairo por alguém que, emergindo da multidão, o toca "por detrás" (v. 27). Tereza CAVALCANTI comenta o acontecido: "Na verdade, a relação entre ambos começa com um **contato corporal**, sensível: um **toque**. O toque provoca uma sensação imediata de cura por parte da mulher e, em Jesus, a consciência concomitante de "uma força" que sai dele"⁷. Todo encontro tem este encanto e esta magia: faz acontecer algo em ambas as pessoas, a que toma a iniciativa e a que se deixa tocar.

Ouçamos o que terá pensado e sentido a mulher, naquele momento. Convidemo-la a falar:

Fico pensando como aconteceu...

O que foi que, de repente, me deu força e me impulsionou, quando ouvi que Ele estava aí?

Eu só pensava: "Preciso chegar até Ele!"

Por isso subi correndo, cegamente, empurrada pela multidão que o seguia. Alguns queriam me impedir, outros recuavam para não serem tocados por mim, porque me consideravam impura.

Nunca, jamais fui capaz de acolher serenamente aquela humilhação, aquele quadro repentino diante de meus olhos, a pressa com que se saía do caminho para ir lavar-se, conforme o ritual e para cumprir o dever de dizer aos outros que eu estava aí...

Disseram-me que Jesus, com sua atitude, com seus gestos, ensina diferente.

Ele não condena, não exclui ninguém, nem mesmo a nós mulheres.

Ele também liberta da culpa que carregamos sem saber; da culpa que outros colocaram sobre nós mulheres.

Eu ainda não consigo entender como tudo aconteceu:

a princípio a multidão me levava, me empurrava; mas, quando alguns conhecidos correram, fugindo de mim, vi de repente um caminho livre.

- "Passar ligeiro..." pensei comigo mesma "chegar tão perto d'Ele quanto possível, mas cuidar para não infringir a lei.

Tocar não a Ele, mas somente a roupa d'Ele."

Os discípulos, que protegiam Jesus para não ser comprimido pela multidão, deram-me então um empurrão que me fez cair para o lado.

Quase caí aos pés d'Ele.

E, de súbito, agarrei a bainha de seu vestido.

Interiormente eu sentia um querer, e um não querer...

Mas, aí tudo já acontecera. Eu já o havia tocado...

Ele o sentiu e perguntou: "Quem foi que tocou meu vestido?"

Admirado olhou ao seu redor, como se estivesse menos assustado comigo do que com a súbita reação d'Ele mesmo.

"Agora está tudo ganho ou tudo perdido...!"

Agora Ele me acolhe, me liberta ou me

⁷ O texto paralelo de Mateus (Mt 9,20-21) omite esses detalhes. Lucas os mantém (Lc 8,44-46).

rejeita e apedreja", pensei comigo mesma.

Por esta minha atitude Ele poderia rejeitar-me e mandar-me embora para sempre.

Neste meio tempo, eu já caíra de joelhos diante d'Ele.

Um vizinho, que me viu, gritou: "Mulher, vai embora daqui, você é impura!"

No meu íntimo eu fervei de raiva, mas enguli.

Ao mesmo tempo senti uma confiança inexplicável em relação Àquele que me acolheu e escutou longamente..

Eu pude contar tudo, também toda minha história, meu passado.

Ele me ouviu como se eu fosse a única ao seu redor.

Eu senti: Ele me acolheu assim como sou, Mulher!

E eu o ouvi falar para mim, diante de toda aquela multidão:

**"MINHA FILHA A TUA FÉ TE LIBERTOU
VAI EM PAZ E FICA LIVRE DE TUA DOENÇA"**

Agora tudo mudou. O encontro aconteceu e me transformou. Meus olhos, meu coração, todo meu corpo foi libertado pela força que saiu d'Aquele que eu ENCONTREI e toquei com minhas próprias mãos.

Agora já não sou mulher excluída, carregando um fardo sozinha.

Minha missão agora é buscar novos espaços de vida, liberdade, dignidade e

justiça junto com tantas mulheres e homens e com todo povo marginalizado e excluído das religiões, das igrejas e da sociedade.⁸

Esta mulher, que infelizmente ficou sem nome e, injustamente, continuamos chamando de Hemorroíssa, nos ensina muitas coisas sobre a coragem que devemos ter de arriscar tudo para sentir a alegria do encontro que liberta. Jesus por sua vez nos ensina a tirar do anonimato as pessoas excluídas, e aí estão as mulheres em primeiro plano.

O encontro só foi possível porque Jesus interrompeu o caminho, e teve o tempo necessário para ouvir a história calada desta mulher. Não se importou com os comentários irônicos dos discípulos. Fez Jairo, o homem que tinha nome e status social, esperar todo o tempo necessário para resgatar a dignidade da mulher chamando-a de "Minha filha e devolvendo-lhe a paz". Só depois continua sua jornada para ir ao encontro de outra mulher jovem, adolacente, de 12 anos, a "filha" de Jairo enferma e adormecida, provavelmente com sua primeira menstruação.

Aprendemos destas duas histórias entrelaçadas com muita arte literária, que todo encontro verdadeiro deve ser libertador e só então podemos falar de um enriquecimento mútuo.

Um encontro que mudou radicalmente a história de uma mulher (Lucas 7,36- 50)

O cenário é montado com muita criatividade pela arte literária de Lucas. As personagens protagonistas são cuidado-

⁸ Esta fala inspira-se num texto alemão (anônimo), com tradução recriada por mim.

samente escolhida. A narrativa é fluente e vai desenhando um quadro extremamente contrastante.

A narrativa começa colocando o fariseu em contraste com o oficial romano que não se julgava digno de convidar Jesus para entrar em sua casa e nem sequer se atreve a ir pessoalmente até Jesus o episódio anterior onde (cf. Lc 7,6-7).

Um *"certo fariseu"*, (Simão) considerado *"puro"* e *"justo"* convida Jesus para uma refeição em sua casa (Lc 7,36a). Pelo fato de ser homem tinha livre acesso a Jesus, como Jairo. Jesus aceita o convite e senta-se à mesa (v. 36b).

Apareceu então uma *"certa mulher"*, conhecida na cidade como *"pecadora"* (Lc 7,37a). Ela, *sabendo* que Jesus estava à mesa na casa do fariseu, levou um frasco de alabastro com perfume (Lc 7,37b).

Esta mulher começa a ser a protagonista da cena. Do mesmo modo como a mulher que acompanhamos em Mc 5,27, também esta sabia que Jesus estava aí e se aproxima *"por trás"*, isto significa, com medo. Chora aos pés de Jesus e com as lágrimas começou a banhar-lhe os pés. Em seguida os enxuga com os cabelos, cobre-os de beijos, e os unge com perfume (v. 38).

Uma cena escandalosa aos olhos dos fariseus. Por isso o relato diz: *"Vendo isso o fariseu que tinha convidado Jesus ficou pensando: se este homem fosse mesmo um profeta saberia que tipo de mulher está tocando nele, porque ela é pecadora"* (Lc 7,39). O olhar do fariseu é controlador, observador, não tem nada daquele olhar silencioso e empático da parábola do Pequeno Príncipe no encontro com a Raposa.

Jesus interrompe o fluxo de seus pensamentos preconceituosos, de seu olhar de julgamento e condenação. Mas, também para ele cria antes um ambiente de proximidade, chamando o *"certo fariseu"* pelo seu nome: *"Simão"*! e acrescenta: *"tenho uma coisa para te dizer"*. Soa com um convite ao encontro. Simão prontamente responde: *"Fala, Mestre"*!

E Jesus conta uma brevíssima parábola sobre o perdão a dois devedores, sendo que um devia muito e outro pouco. Parábola não é doutrina nem ensinamento. Envolve o ouvinte como sujeito e faz refletir. Ao final temos a pergunta retórica de Jesus: *Qual deles o amará mais?"* (v. 41-42).

Assim Simão viu-se envolvido na trama da parábola que estava acontecendo em sua própria casa. Já não eram os dois devedores que estavam em jogo, mas ele próprio e a mulher apenas conhecida como *pecadora*, à semelhança, novamente, da mulher hemorroíssa de Mc 5,25-37.

À pergunta de Jesus, Simão responde com uma suspeita: *"acho que é aquele a quem ele perdoou mais"* (v. 43 a). E Jesus elogia sua franqueza: *Você julgou certo* (v. 43 b). Mas começa a corrigir seu olhar, voltando-se para mulher e convidando Simão a olhar com outros olhos, não com o mesmo olhar de julgamento com que olhara primeiro (v. 39): *"Está vendo esta mulher?"* E sem esperar resposta alguma, segue fazendo um confronto direto em forma de contraste: *"Quando entrei em sua casa:*

Você não me ofereceu água para lavar os pés...

Ela, porém, banhou meus pés com lágrimas e os enxugou com os cabelos.

Você não me deu o beijo da saudação...

Ela, porém, desde que entrei, não parou de beijar os meus pés.

Você não derramou óleo na minha cabeça...

Ela porém ungiu meus pés com perfume.

Por essa razão eu declaro a você: os muitos pecados que ela cometeu estão perdoados, porque ela demonstrou muito amor. Aquele a quem foi perdoado pouco, demonstra pouco amor "(v. 44 -47).

O encontro com Jesus, e a parábola por ele narrada, provoca uma mudança de olhar sobre a pessoa humana: a "mulher conhecida como pecadora" torna-se "aquela que muito amou".

Até aqui a mulher estava aí como terceira pessoa: Ela. Mas agora Jesus dirige-se diretamente a ela dizendo: "Teus pecados estão perdoados" (v. 48). Infelizmente, sem ser chamada pelo nome, como aconteceu com Simão.

E neste momento a narrativa é interrompida por uma nota sobre o que se passava nos corações dos convidados, amigos de Simão. *"Então os convidados começam a pensar: quem é este que até perdoa pecados?"* (v. 49)

Sem dar importância a isso o narrador diz: "Mas Jesus disse à mulher: Tua fé te salvou. Vai em paz!" (v.50).

Uma narrativa que nos faz pensar, porque também nós somos incluídos na trama da parábola que acontece na "nossa casa". Certamente ainda hoje precisamos que Jesus nos chame pelo nome e corrija nosso olhar, para que possamos ver com os seus olhos de amor. Todo encontro huma-

no requer estas atitudes de perdão, que passam por um amor generoso, como foi o desta mulher. Para que um encontro entre homem e mulher seja de enriquecimento mútuo precisamos ainda quebrar muitas barreiras e preconceitos relativos a questões de gênero e religião, que pesam sobretudo sobre a mulher, até hoje.

Não posso prosseguir, sem lembrar um fato real que considero muito associativo ao texto bíblico e que no dizer de Marcelo de Barros pertence às relações humanas simples e cotidianas:

"Em sua última doença, Dom Hélder Câmara contava que uma prostituta vem visitá-lo. Ele a acolhe e conversa com ela, como velhos amigos. No meio da conversa pergunta:

- Como vai sua fé, minha filha?

Ela responde sem hesitar:

- Não tenho ido muito à Igreja, mas tem uma coisa que eu nunca deixo de fazer. No tempo da Páscoa, eu vou à prisão e me ofereço para passar a noite com o homem mais abandonado e sozinho da prisão.

Dom Hélder lhe responde:

- Minha filha, Deus está com você!"⁹

Este fato de Dom Hélder scandalizou muita gente, mas temos que compreender que a lógica do encontro de Deus com as pessoas humanas é diferente da nossa. A prática de Jesus revela esta face de ternura, de compaixão e de amor misericordioso de Deus, para com os excluídos e marginalizados. Só é possível encontrar assim livremente a pessoa humana, quem se encontra profundamente com Deus, a fonte da vida e do amor. Os testemunhos sobre Dom Hélder contam que ele passa-

⁹ Texto para o 11º Intereclesial das CEBs, Minas Gerais, julho de 2005, p. 43.

va pelo menos três horas em adoração diante do sacrário nas madrugadas do entardecer de sua vida. O encontro só é de enriquecimento mútuo quando nos acolhemos como somos, "sem máscaras, nem uniformes", como diz o Pequeno Príncipe. Deus nos acolhe assim como somos. Esta é única condição para encontrarmos com Ele e com nossa própria verdade que Ele quer transformar.

Antes de continuar nossa busca de encontros de Jesus com mulheres nos Evangelhos, queremos retomar o que há de comum nos dois ícones que acabamos de contemplar: As mulheres estão aí muito ativas nas cenas mas caladas e nada falam. Seu silêncio e o silêncio de muitas mulheres hoje também deve provocar nossa desinstalação, indo ao seu encontro como Jesus.

As duas mulheres não são apenas anônimas, mas carregam no próprio nome a chaga daquilo que as discrimina e torna impuras: "hemorroísa" e "pecadora". Uma releitura bíblica libertadora pede de nós um exercício de escuta deste silêncio de mulheres, crianças, qualquer pessoa humana excluída da possibilidade de "encontros" verdadeiramente humanizadores.

Uma mulher sabe o que quer e decide ir ao encontro de Jesus (Mt 15,21-28)

Aqui muda o cenário e as atitudes das protagonistas em relação a Marcos e Lucas. Jesus caminha (acompanhado dos discípulos cf. v. 23) para a Região de Tiro e Sidônia. Uma mulher estrangeira considerada pagã pelo povo judeu, e por isso na sua mentalidade religiosa, desprezada por Deus e indigna de receber seus favores, interrompe

a caminhada que sabe o que quer grita para Jesus: "*Senhor, Filho de Davi, tem piedade de mim. Minha filha está cruelmente atormentada por um demônio*" (v. 22).

Ao grito da mulher, que expressa um clamor de solidariedade entre mãe e filha, Jesus fica em silêncio e nada responde (cf. v. 23). Será indiferença ou presença silenciosa e reflexiva? O silêncio também faz parte da aproximação para um verdadeiro encontro, quando as diferenças são muito grandes.

A reação dos discípulos é uma única: Querem afastar o grito porque ele incomoda: "*Despede-a, porque vem gritando atrás de nós*" (Mt 15,23). Quem assim age, não está a fim de um encontro. Jesus parece pensar em voz alta e Mateus coloca em sua boca a mentalidade dos judeus da época, através de uma compreensão exclusivista da missão: "*Eu não fui enviado senão para as ovelhas perdidas de Israel*" (Mt 15,24).

A mulher volta a insistir e seu grito agora é acompanhado por um gesto de aproximação e coloca-se de joelhos e implora: "*Senhor, ajuda-me!*" (v. 25). Diante da perseverança e "resistência ativa" da mulher, Jesus responde de forma muito dura aos nossos ouvidos: "*Não fica bem tirar o pão dos filhos para atirá-lo aos cachorrinhos*" (Mt 15,26).

Os judeus se consideravam filhos (de Deus) e diziam que os estrangeiros eram como cachorrinhos diante de Deus. Parece que o Jesus da comunidade destinatária de Mateus, no começo, também pensava assim. Mas a mulher pagã ajudou-o a compreender que ele era enviado de Deus não só para os judeus, mas para toda pessoa humana, de todas as culturas.

O "encontro" só aconteceu, quando

Jesus “desce” ao nível humano, tornando-se aprendiz e discípulo da mulher pobre, estrangeira, excluída. Cheio de admiração Ele a elogia proclamando: “Mulher, grande é tua fé! Seja feito como queres!” (Mt 15,28).

Concluindo nosso breve olhar sobre esta pérola literária de Mateus¹⁰, podemos perguntar-nos, porque foi necessária tanta humilhação até chegar ao encontro? Como terão ficado os discípulos? Sua postura insensível não os moveu a fazer o processo da aproximação da distância, do diálogo entre as diferenças. E por isso não chegam a saborear a riqueza do encontro.

Certamente, muitas vezes, ainda hoje, nós discípulas e discípulos de Jesus, homens e mulheres, na Igreja e nas nossas Congregações Religiosas, continuamos tendo medo de descer, de esvaziar-nos, de sermos simplesmente humanos e “humildes”. Assim deixamos de saborear a riqueza do encontro que deixa marcas libertadoras de transformação em ambos, como deixou em Jesus, na Mulher Cananéia e sua filha.

Podemos ligar esse texto de Mateus com o encontro de Jesus e uma Mulher Samaritana, como foi testemunhado pela comunidade joanina. Ambas poderiam ser resumidas numa atitude fundamental dentro das considerações que fazemos: “Há descendidas que transformam, porque conduzem ao verdadeiro encontro”.

Um encontro processual e decisivo entre a Mulher Samaritana e Jesus (Jo 4, 4-42)

“Quando se desce às águas profundas do coração

Falham sistemas, rompem-se esquemas, discriminação

E acontece a beleza suprema do encontro de comunhão

Fonte de vida eterna, alegria da salvação”¹¹.

A narrativa começa dizendo que Jesus deixou a Judéia para ir à Galiléia e acrescenta que “era necessário” passar pela Samaria (v.4). Esta expressão grega, que traduzimos por “era necessário”, significa a mesma “passagem” de Jesus da paixão-morte para a ressurreição-vida. Portanto passar pela Samaria faz parte da opção de Jesus. Há um encontro esperado e marcado.

Bendito poço, na beira da estrada

Que aproxima quem está cansado e quem busca água.

Bendita hora, do meio dia

Hora na vida daquela mulher da Samaria.

Na tradição bíblica a mulher tem uma grande familiaridade com o poço, a fonte. Era um dos únicos lugares públicos, fora

¹⁰ O mesmo relato em Marcos (7,24-30) não traz os detalhes do processo que foi necessário para quebrar barreiras e preconceitos de gênero, religiosos e culturais. Mateus ilustra as várias descendidas de Jesus, até que chegando no mesmo nível humano da mulher cananéia, ele compreende sua missão, o encontro acontece e a mulher com sua filha tornam-se participantes do projeto libertador do Reino de Deus.

¹¹ Canção sobre o encontro de Jesus com a mulher Samaritana de Pe. Loacir (msf). CD *Do jeito da vida*, Genesys Records Studio Regente Santa Maria - RS.

da casa, na qual ela podia ir sozinha. E geralmente ia ao meio dia. Por isso é no poço que as mulheres encontram seus maridos: Rebeca, Raquel. A fonte é o lugar onde a mulher encontra a vida: Agar (Gn 21,19).

Jesus cansado e com sede assume uma atitude humana de quem está necessitado e valoriza o que aquela que vem ao poço lhe pode dar. Pede: "Dá-me de beber" (v.7)

Bendito moço que pede água

Embora ela tente um jeito de desconversar

Passo a passo, momento a momento oferta da água

que jorra de dentro e se faz fonte a transbordar.

E o encontro está difícil de acontecer. Enquanto Jesus, o homem judeu, tenta abrir as portas do diálogo, a mulher samaritana as fecha com respostas rápidas, mostrando que não está compreendendo. Quando Jesus lhe quer oferecer uma água viva ela, agarrada ao seu balde, responde: "Não tens balde e o poço é fundo. De onde vais tirar a água viva"? Somente quando a Samaritana identifica Jesus dizendo: "Vejo que és um profeta" (v.19), ela se situa na conversa e começa a tomar a iniciativa. "Ela puxa o assunto da religião: Onde adorar a Deus: aqui ou lá em Jerusalém? (v. 20). E Jesus entra pela porta da religião que a mulher abriu (vv.19-24)."¹²

O encontro mais profundo só acontece quando há uma revelação e uma acolhida mútua. A Samaritana fala o que sabe sobre o Messias à cuja espera está:

"*Eu sei que vai chegar um Messias...*". E Jesus diz: "*Este Messias sou eu que estou falando contigo!*" (v. 26). Os olhos se encontram, os corações se tocam, o encontro acontece e este mistério será memória para sempre.

Os discípulos chegam e ficam "admirados" que Jesus está conversando com uma mulher, mas não tiveram coragem de perguntar o que ele queria o porque estava falando com a mulher. (v.27). Que pena que não foram um pouco mais corajosos e curiosos. Será por medo do encontro?

A mulher transformada ela própria em fonte de água viva que jorra de dentro, deixa seu balde, porque já se libertou de suas seguranças e amarras, e corre para a cidade. Testemunha sua experiência de encontro e convida: "*Vinde ver*" (v. 28-29).

Bendito balde, ficou na saudade

Pois a mulher agora encontrou a sua verdade

Bendito o mestre, ternura e perdão

Cria, renova e devolve a alegria ao coração

Bendito anúncio: venham pra ver

Disse-me tudo o que fiz com tanto amor.

Nenhuma experiência de verdadeiro encontro com Jesus permanece numa contemplação mútua. Sua dinâmica natural é abrir-se para os outros. Aí está o segredo revelado pela comunidade joanina. Exupéry expressa a mesma sabedoria quando diz: "*A grandeza de uma profissão é, talvez, antes de tudo, unir as pessoas. Só há um*

¹² Carlos MESTERS. *Senhor, dá-me dessa água! O diálogo da Samaritana com Jesus*. A Palavra na Vida (113) CEBI: São Leopoldo, 1997.

luxo verdadeiro: o das relações humanas. A experiência mostra que amar não é olhar um para o outro, mas olhar juntos na mesma direção".¹³

Assim como mudou a Samaritana, o encontro também transformou Jesus, que já não sente cansaço nem tem fome. Responde aos discípulos: "Meu alimento é fazer a vontade daquele que o enviou e realizar sua obra" (v. 34).

E o povo Samaritano que saiu da cidade e foi ao encontro de Jesus viu e "acreditou por causa do testemunho que a mulher tinha dado" (v. 39). O relato acentua que os samaritanos foram ao encontro de Jesus e lhe pediram que ficasse com eles. E Jesus permaneceu aí dois dias (v. 40).

Foram e viram e acreditaram

Fica conosco! Ficou. Confirmaram:

Ele é mesmo o Salvador!

Este encontro da Samaritana com Jesus continua sendo uma fonte inesgotável, para a qual podemos voltar sempre. Relido aqui, em conexão com as três narrativas anteriores, e com a chave do **"encontro, como enriquecimento mútuo homem e mulher"**, recebemos luzes e novos desafios.

Que "descidas" já conseguimos fazer e de onde ou de que ainda falta "descer" para possibilitar o verdadeiro "encontro" que nos enriquece mutuamente? Por que Samarias precisamos passar, não só pessoalmente como homens e mulheres, mas como Congregações e Igreja? Que "baldes", amarras, seguranças é preciso deixar?

Na pedagogia do diálogo e do discipulado mútuo podemos aprender, tanto de Jesus como da Samaritana: Jesus deixa-se "interrogar" pela mulher samaritana e ela deixa-se "encontrar" na sua verdade mais profunda. Só quando perdemos o medo de perder-nos, revelando o mais profundo do nosso ser, de nossas buscas, de nossa missão, é que o encontro se torna verdadeiro e enriquecedor, não apenas um para o outro, mas aberto para a alteridade: o povo samaritano, o ecumenismo, diálogo inter-religioso.

"A lei da vida é esta: Para viver em plenitude é preciso partilhar em profundidade"¹⁴. É esta também a sabedoria do Evangelho: "Quem é capaz de perder (dar) sua vida, ganhá-la-á; mas quem a guardar para si, perdê-la-á." Esta dinâmica pascal "perder para ganhar" brota como força do encontro com o Ressuscitado: fonte de vida nova e de novas relações.

O Espírito do Ressuscitado, qual sopro desta vida nova, recria-nos constantemente como mulheres e homens novos, capacitando-nos para o mútuo enriquecimento na vivência comunitária e na colaboração missionária. Assim seremos presença profética de novos relacionamentos na sociedade, testemunhando que "outro mundo é possível!"

Para continuar pensando...

Não sei concluir esta breve reflexão sem abrir outras janelas. Por isso fica o convite para continuarmos contemplando nossa realidade no espelho das primeiras comunidades cristãs, onde há

¹³ Exupéry em Terra dos Homens.

¹⁴ Carlos Afonso Schmitt. *O importante é cativar(-se)*. São Paulo: Paulinas, 1983, p. 65.

encontros e relacionamentos humanos muito positivos, por exemplo, o casal de evangelizadores Priscila e Áquila (At 18,1-3.18). Ou ainda, confrontando nossos relacionamentos com tantas colaboradoras e colaboradores missionários mencionadas e lembrados por Paulo, como Lídia At 16,11-15.40, Febe, chamada de irmã, diaconisa da igreja de Cecréia (Rm 16,1) e tantas outras.

Outro motivo pelo qual não sei concluir esta reflexão é que, enquanto escrevia este artigo e me apaixonava pelo assunto, surge a carta da Congregação para a Doutrina da Fé, dirigida aos bispos da Igreja Católica, *sobre a colaboração do homem e da mulher na igreja e no mundo*.¹⁵ Não encontrei nela a mesma paixão e entusiasmo que senti ao me encontrar com a Boa Notícia de Jesus, através dos quatro evangelhos. Oxalá compreendêssemos todos, homens e mulheres que amamos a Igreja de Jesus Cristo e a Vida Religiosa Consagrada, que Jesus a quem seguimos e é nosso Mestre, sempre de novo alerta para a necessidade de superar o medo pela fé: "*Não tenha medo, crê somente*" (Mc 5,36).

Olhando no retrovisor e contemplando o caminho percorrido...

Inspira-me a coragem da mulher hemorroíssa, silenciada e excluída, que embora tremendo de medo, aproveita as brechas abertas pela rejeição da sociedade e da religião, para tocar Jesus, assumindo a verdade de sua história, em

busca de libertação e cidadania.

Creio em Jesus que se deixa tocar e interrompe seu caminho para escutar, acolher e erguer esta mulher, que irrompe do anonimato da multidão, chamando-a: "Minha filha".

Seduz-me a paixão ardorosa da mulher conhecida como pecadora, que rompeu com os preconceitos que pesavam sobre ela e arriscou um encontro com Jesus, apesar dos olhares desconfiados e de condenação dos fariseus.

Professo minha fé e adesão a Jesus que transforma este gesto da mulher numa parábola humana de encontro, de reconciliação e amor.

Desafia-me o grito insistente, solidário e perseverante da mulher cananéia, que sabe o que quer.

Acredito em Jesus que rompe com o preconceito dos discípulos e a compreensão de seu próprio messianismo, assumindo um processo de "descer" até chegar no mesmo chão humano da mulher para elogiá-la pela grandeza e gratuidade de sua fé. Devolve-lhe a dignidade, o poder e a cidadania teológica: "Mulher, grande é tua fé. Seja feito como queres!"

Creio no diálogo, ao mesmo tempo profundamente humano e teológico, sábio e criativo, da Mulher Samaritana com Jesus, fazendo ambos um longo caminho para superar mal-entendidos, romper barreiras de gênero, cultura, etnia, religião, até chegar a revelar a própria verdade. Há encontros que só acontecem se tivermos coragem de per-

¹⁵ Congregação para a doutrina da fé – Carta aos bispos da Igreja Católica: *Sobre a colaboração do homem e da mulher na Igreja e no mundo*, Roma 31 de maio de 2004.

der tempo para sentar demoradamente ao lado de uma mesma Fonte. Quando chegará este dia?

Só então será possível saborear a alegria do encontro, como enriquecimento mútuo libertador, de mulheres e homens, numa grande abertura missionária e ecumênica:

"Quando se desce às águas profundas do coração

Falham sistemas, rompem-se esquemas, discriminação

E acontece a beleza suprema do encontro de comunhão

Fonte de vida eterna, alegria da salvação!"

Endereço da autora:

Irmãs da Divina Providência

Porto Alegre - RS - BRASIL

E-mail: lucia_weiler@yahoo.com.br

**QUESTÕES PARA
AJUDAR A LEITURA
INDIVIDUAL OU
O DEBATE EM
COMUNIDADE**

- 1- Como vives a riqueza do encontro, da qual fala a autora, no dia-a-dia?
- 2- O que nos ensina o encontro de Jesus com a mulher que sofre de hemorragia?
- 3- Como olhas para as pessoas antes de encontrá-las? Alimentas preconceitos? Acolhes com silêncio interior?
- 4- Anota as atitudes evangélicas que despertam em ti esses encontros de Jesus com as mulheres! O que podemos aprender?

“O encontro com Jesus, e a parábola por ele narrada, provoca uma mudança de olhar sobre a pessoa humana: a “mulher conhecida como pecadora” torna-se “aquela que muito amou”.”

Novo "Pentecostes" para a Vida Religiosa

BARBARA P. BUCKER, MC

Com o lema: "Paixão por Cristo, Paixão pela Humanidade" vivemos este Kairós do Espírito de Deus que moveu os Superiores e Superiores Maiores a se perguntarem mais profundamente sobre como viver diante dos desafios deste mundo e as interpelações que a mesma Vida Religiosa vem se fazendo há algumas décadas sobre sua identidade e significação. Fomos convidadas (os) a despojar-nos da imagem que a Vida Religiosa tem de si mesma e afrontar as reais razões da distância que nos separa dos pobres hoje, já que desde a sua origem, a Vida Religiosa foi serviço corajoso e comprometido com o mundo dos pobres, parte da humanidade marginalizada do direito à vida e por isso mesmo, sinal do fracasso da "fraternidade e irmandade" de todos os tempos.

Tivemos que nos perguntar: Que Vida Religiosa o Espírito Santo suscita hoje? E como detectar o que bloqueia sua existência. A proposta inclusiva dos Ícones da Samaritana e do Bom Samaritano foi afirmando o caminho do encontro com o Senhor Ressuscitado através da misericórdia, que acrescento, como Mercedária da Caridade, ser hoje a linguagem de maior significado, sobretudo quando a eficácia do fazer parece ser o supremo valor. Ao pedir a mulher para Jesus: "dá-me desta água" e ao acolher ela esse pedido dele, ela é que passa a ser, doadora e co-distribuidora da água Viva que Jesus lhe dá.

Assim, como no Samaritano está a agonia da humanidade, somos chamadas (os) todas (os) a recuperar essa humanidade, sarar e cuidar com extremado cuidado da Vida. O cuidado pela vida humana em todas as suas formas e diversidade de situações, se faz o lugar profético de nossa presença. **Sendo e agindo**, mais que **sabendo** é que se vai fazendo caminho. A Samaritana, que nos representa a todos, é buscada por Deus Pai-Mãe para ser intérprete do que Deus quer fazer com toda a Humanidade. Jesus se define como aquele que se doa em sua capacidade de relação, acolhendo, propondo, educando e perdoadando. Neste Congresso fomos re-confirmadas (os), que faz falta viver a experiência da ruptura, como primeira condição para acolher e viver o que Jesus nos propõe hoje. São os outros que nos iluminam para descobrir nossa identidade, e quanto mais estivermos abertos no aprendizado do outro como "escola" de vida, mais poderemos intuir os segredos da alegria de nosso crescer no conviver. O Outro e outros nos salvam! Quando decidido diante desse Outro, decido sobre mim mesma! Isso pode dar medo, porque talvez nos define para toda a vida. Porém proporciona possibilidades não previstas nos esquemas de uma vida pré-estabelecida.

Hoje, vivemos numa realidade de perda da consciência histórica e ética. Valorizamos tanto o presente que esquece-

mos o passado e não sonhamos o futuro. O desafio reside em formar para a consciência crítica. Crítica dos princípios pessoais que são consequência do modo pessoal de atuar e crítica a um estilo esclerosado de propor como viver. O contexto neoliberal da cultura mediática produz na nossa cabeça o vazio dos fins. Daí a necessidade de encontrar nesta cultura o caminho dos pobres, porque eles nos vão ajudar a descobrir outra beleza, a da solidariedade. Eles, os pobres, serão o modo evangélico de viver o caminho místico. Temos que ir para além da rigidez das instituições que conhecemos, para sonhar e viver uma Vida Religiosa desde a mística da unidade, da emancipação, do valorizar as motivações. Consciência de pequenas utopias realistas que podem ter êxito.

Acolhendo o convite de Jesus para “nascer de novo” a partir da lógica da Encarnação como projeto de humanização podemos entrever a trajetória da Vida Religiosa como constante refundação em novas atitudes de: **Profundidade; Hospitalidade e gratuidade; Não violência e mansidão; Liberdade de espírito; Audácia e capacidade criadora; Tolerância e diálogo e Sensibilidade de valorizar os recursos pobres e pequenos.**

Construindo relação de transparência por meios das **convicções** que nos fazem caminhar felizes porque somos portadores de uma Aliança de Amor, portanto engajar nossas energias em tornar viável o exigido desde a consciência:

- Faz falta uma transformação estrutural de nossa vida e de nossas obras.

- O diálogo com as culturas como elemento que faz parte do coração da missão da Vida Consagrada.
- O irrenunciável do tríplice diálogo que a Vida Religiosa deve levar adiante: os pobres, culturas e religiões.
- A importância da arte e a beleza como ícones de diálogo. São os artistas os que nos ajudam a entender que na contraposição de uma mentalidade de consumo, podemos criar espaços de beleza e sensibilidade.
- A conversão para o trato com o mundo da comunicação, interagindo e tendo a coragem de mostrar-nos como somos realmente.
- Ressaltar em nossas vidas a primazia da Palavra de Deus.
- Viver o celibato como relação mais profunda com Cristo e partilha de amor com as pessoas. Modo sadio de viver nossa sexualidade.
- Convencimento de que para chegar a um autêntico discernimento comunitário, é necessário orientar nossa vida pela Palavra de Deus.
- Voltar ao amor sponsal e radical por Cristo.
- Viver em dinâmica de Formação Permanente como aprendizado da vida e durante toda a vida.
- Sermos testemunhas de um pluralismo crescente e irreversível, e desde aí promover uma espiritualidade de comunhão intensificando esforços de colaboração entre as várias Congregações, e fazendo da Intercongregacionalidade o trilho por onde mover-nos seguros nas buscas

e discernimento necessários. Pedir modificação no Direito Canônico para uma igualdade efetiva entre os membros que são clérigos e os que não o são.

- Chegar a uma vida comunitária mais humana, e significativa, aberta e acolhedora.
- Acordar para a realidade de que são os leigos que nos fazem descobrir que nossos Carismas são dons para todos os cristãos, para a Igreja e para o mundo.
- Os superiores (as) serem testemunhas de uma experiência de consagração marcada pelo entusiasmo e por fortes convicções. Se o amor e a criatividade caminham de mãos dadas, nosso caminho será estimulante.
- Continuar o diálogo eclesial em todos os níveis. Ser especialistas em comunhão.

Grandiosa ação que a Divina Ruah faz possível na relação de homens e mulhe-

res consagrados de todo o mundo, de diversas culturas e línguas, em diálogo nestes dias que chamo de "Pentecostes" porque neste tempo da cronologia histórica da humanidade foi percebida a irrupção do tempo de Deus, que chamamos kairológico fazendo-nos refletir, dialogar, debater e projetar o presente e futuro de nossa vida e missão. Por isso, as perspectivas oferecidas e as ações propostas têm um valor especial. Cada Congregação é chamada a identificar as ações que devem levar adiante para **encarnar** a Paixão por Cristo e a Paixão por toda a Humanidade. Este "Concílio", não apenas em seu discernimento, mas também em seu método e em sua proposta, tem que ser um novo ponto de partida na bela aventura do Seguimento de Jesus em nosso tempo.

Endereço da autora:
Rua Maria Joaquina, 544 - Pavuna
21250-280 - Rio de Janeiro - RJ

**QUESTÕES PARA
AJUDAR A LEITURA
INDIVIDUAL OU
O DEBATE EM
COMUNIDADE**

- 1- Que ressonâncias o texto-depoimento suscitou em você? E em sua comunidade?
- 2- Como você encara o futuro da Vida Religiosa nos países de Terceiro Mundo? Por que?

“O cuidado pela vida humana em todas as suas formas e diversidade de situações, se faz o lugar profético de nossa presença.”



CRB

**Impresso
Especial**

050200140-2/2002 - DR/RJ

CRB

...CORREIOS...

Quadro Programático da CRB 2005-2007

Horizontes

1. Uma espiritualidade evangélica que potencialize para o testemunho da partilha, para a profecia e anúncio missionário, e para acolher as mudanças necessárias, frente aos novos tempos.
2. Vida Consagrada como sinal do Reino de Deus na opção preferencial, audaciosa, solidária e transformadora pelos empobrecidos e excluídos.
3. Afirmação da identidade da Vida Consagrada no seu compromisso e missão com a causa da justiça, da paz, da reconciliação, sendo esperança para a vida do mundo, no seguimento de Jesus.
4. Vida Consagrada como espaço de novas relações, particularmente de gênero, de etnias, de gerações e ecológicas.

Prioridades

1. Avançar na construção de alianças intercongregacionais na formação, missão, projetos comuns, e em parceria com organizações afins.
2. Dinamizar o processo formativo para ser presença profética e testemunha de esperança diante dos desafios da realidade de hoje.
3. Assumir as interpelações das novas gerações em seus dinamismos, exigências e potencialidades.
4. Incentivar a vida fraterna e sororal em comunidade como espaço de testemunho evangélico, na interculturalidade.
5. Cultivar uma mística enraizada na Palavra de Deus como fonte de coragem para responder aos desafios atuais.
6. Resgatar de forma criativa a inserção em meios populares, bem como a missionariedade em regiões carentes, no mundo urbano, *ad gentes* e em realidades emergentes.

Realces

1. Potencializar uma formação humanizante com particular atenção aos desafios atuais e questões de identidade, liderança, poder e relações na Vida Consagrada.
2. Fomentar uma economia solidária e partilha de recursos humanos e materiais, em vista de um testemunho mais efetivo.
3. Buscar a comunhão com a CNBB, a integração com a CLAR e o diálogo com as novas formas de Vida Consagrada.
4. Cultivar a consciência crítica e o discernimento evangélico que tornem a Vida Consagrada capaz de posicionar-se com determinação diante das situações de injustiça na sociedade.
5. Dar prosseguimento ao processo de sensibilização da Vida Consagrada para questões emergentes, de modo particular vindas da juventude e as novas formas de animação vocacional.
6. Ajudar as congregações e institutos em suas análises institucionais, em vista da refundação.